



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**“NÃO CONTA LÁ EM CASA”: A REPRESENTAÇÃO DOS
REFUGIADOS DO ORIENTE MÉDIO NA MÍDIA**

BEATRIZ DE ARAÚJO E SILVA

RIO DE JANEIRO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**“NÃO CONTA LÁ EM CASA”: A REPRESENTAÇÃO DOS
REFUGIADOS DO ORIENTE MÉDIO NA MÍDIA**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social - Jornalismo.

BEATRIZ DE ARAÚJO E SILVA

Orientador: Prof. Dr. Mohammed ElHajji

RIO DE JANEIRO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia "**Não Conta Lá em Casa**": a representação dos refugiados do Oriente Médio na mídia, elaborada por Beatriz de Araújo e Silva.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Mohammed ElHajji
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dra. Cristiane Henriques Costa
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação -. UFRJ

Profa. Dra. Cristina Rego Monteiro da LuzD
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

SILVA, Beatriz de Araújo e.

"Não Conta Lá em Casa": a representação dos refugiados do Oriente Médio na mídia. Rio de Janeiro, 2016.

Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientador: Prof. Dr. Mohammed ElHajji

SILVA, Beatriz de Araújo e. "**Não Conta Lá em Casa**": a representação dos refugiados do Oriente Médio na mídia. Orientador: Prof. Dr. Mohammed ElHajji. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho demonstra como os refugiados do Oriente Médio vêm sendo representados na mídia, em especial na última temporada do programa *Não Conta Lá em Casa*, exibida em 2015 pelo canal de TV por assinatura Multishow. O trabalho inicia-se com a contextualização histórica da atual crise dos refugiados, que por sua vez culminou em uma cobertura massiva da mídia. Em virtude disso, procurou-se ressaltar os erros frequentes na utilização dos termos *refugiados*, *imigrantes* e *requerentes de asilo*, utilizados insistentemente como sinônimos, mesmo em um grande portal de notícias como o G1. A pesquisa buscou também provar como o programa analisado encaixa-se em diversos gêneros, apresentando inclusive características do Jornalismo Literário, embora atue no campo audiovisual. Para exemplificar isso, o trabalho apoiou-se em diversos autores, intercalando a teoria com os trechos dos episódios correspondentes. A sensibilidade, espontaneidade e informalidade com que o programa tratou da crise dos refugiados gerou ainda uma reflexão sobre a importância do modelo do *Não Conta Lá em Casa* no que concerne ao jornalismo e ao futuro da área.

DEDICATÓRIA

Com todo meu amor e gratidão, aos meus pais
Iracema e Antônio. Por me trazerem até aqui.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Mohammed Elhajji pela ajuda e contribuições preciosas.

À minha irmã Natália por me ceder seu notebook durante os seis últimos meses.

Ao meu noivo Ranieri pelo apoio incondicional.

Aos amigos que torcem por mim.

Aos professores que contribuíram para a minha formação acadêmica nesses quatro anos.

À Flavia Belmiro, por ter me mostrado o jornalismo como caminho em 2004.

Ao Colégio Pedro II.

Obrigada!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. RAÍZES DO ÊXODO.....	5
2.1 Terrorismo e Refúgio	
2.2 Refugiados x imigrantes x requerentes de asilo	
2.3 A morte do menino sírio: a crise <i>dos</i> refugiados	
3. MÍDIA OCIDENTAL E REPRESENTAÇÃO MÉDIO-ORIENTAL.....	18
4. NÃO CONTA LÁ EM CASA.....	27
5. A INFORMAÇÃO E O HIBRIDISMO DE GÊNEROS TELEVISIVOS.....	34
6. NÃO CONTA LÁ EM CASA E SUAS REFLEXÕES SOBRE A CRISE.....	41
7. CONCLUSÃO.....	50
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54
9. ANEXOS.....	59
10. APÊNDICE.....	61

1. Introdução

Como um produto do trabalho do homem, o jornalismo está constantemente sofrendo mudanças, sendo interpretado e aplicado de formas diversas. Parte deste trabalho propõe-se a falar de um programa pouco conhecido, mas com particularidades interessantes. Essas especificidades serão exemplificadas por meio de um processo descritivo e analítico de cenas-chave do *Não Conta Lá em Casa* e que validam um formato mantido e respeitado durante seus seis anos no ar. O recorte escolhido será a última temporada, exibida em 2015, sobre a crise dos refugiados. A decisão foi feita pela temática estar inserida na versão mais madura do programa e por se tratar de um assunto atual. Além disso, os primeiros capítulos serão destinados a uma introdução geral do tema, reforçando sua complexidade e importância.

Tendo sido originado de um documentário, mas se estabelecido em um canal voltado para o entretenimento, o Multishow, o *Não Conta Lá em Casa* tornou natural o hibridismo de gêneros. A análise da temporada sobre os refugiados será feita sob a ótica do observador não-participante. Os episódios serão transcritos e expostos em seus detalhes mais claros (como a escolha de fontes) até os mais discretos (como a postura dos apresentadores que constantemente autolegitima o modelo proposto pelo programa). Tanto se fala sobre o poder da mídia em suas imparcialidades, que se torna cada vez mais indispensável refletir criticamente sobre a informação que chega até o público, incluindo a forma como chega. Talvez não seja negativo que se assuma a parcialidade sem pudor. A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica.

O capítulo que se segue, *Raízes do Êxodo*, é resultado das primeiras pesquisas, que identificaram na Primavera Árabe o início de uma sequência de acontecimentos que culminaram na crise dos refugiados. Neste primeiro momento, consultas aos principais portais de notícias ajudarão a organizar os acontecimentos segundo a ordem cronológica. Ou seja, o objetivo é começar pela Tunísia e em seguida descrever como os outros países inspiraram-se a iniciar revoltas populares.

Dentre eles o caso mais dramático, a Síria, que pelas ações irresponsáveis de um ditador obcecado pelo poder, viu seu território transformar-se em um campo de guerra bombardeado por rebeldes do Exército Livre, terroristas do Estado Islâmico e pelo próprio governo. Neste momento o objetivo será demonstrar como a partir da Primavera Árabe, se abriram espaços para o terrorismo. São as raízes do êxodo.

Ainda no mesmo capítulo, o presente trabalho se encarregará de diferenciar “imigrantes, refugiados e requerentes de asilo” para que fique claro de quem trata a pesquisa. A distinção entre esses três sujeitos é essencial, já que cada grupo possui direitos diferentes. Por meio de exemplos, será demonstrado o quão injusta e ingênua tem sido a cobertura da mídia, inclusive em grandes portais de notícias, ao confundir os termos. Seja por falta de conhecimento ou para encobrir a responsabilidade pela solução da crise.

O ano de 2015 foi o ano em que se tornou comum a expressão “crise de refugiados”. O assunto foi extensivamente abordado em diversos meios de comunicação. Porém, a morte do menino sírio Alan Kurdi foi um marco no que se refere a memória e o impacto de uma imagem. A foto alertou para a gravidade deste momento histórico e humanizou uma crise inteira. Por isso será importante abordar sua repercussão, entendendo que engloba representações específicas, segundo a interpretação de elementos da imagem. Outras questões a serem tratadas serão o debate ético entre sensacionalismo e jornalismo, além de tentar explicar porque outras fotos não tiveram o mesmo efeito.

O terceiro capítulo, “Mídia ocidental e representação médio-oriental” será voltado para a representação ocidental no Oriente. Trata-se de tentar demonstrar características de reprodução da realidade pela mídia por meio de recursos como o estereótipo, clichê e o eurocentrismo. Principalmente sobre o último item, a preocupação estará em expor como essas generalizações aplicam-se no discurso, seja na mídia ou no senso comum. Quando se trata da crise dos refugiados o problema torna-se também uma questão que envolve a “ameaça” islâmica, a ameaça à identidade europeia, o medo de que a crise torne-se um problema econômico para a Europa e a xenofobia. Especialmente após o relato de casos de voluntários sendo ameaçados de morte por estarem ajudando os refugiados a entrar no continente, conforme será visto na oitava temporada do *Não Conta Lá em Casa*.

Será de interesse da pesquisa refletir também sobre a ideia de Oriente x Ocidente, mas principalmente tentar definir o que seria o turvo e mitificado Oriente Médio, sempre visto como aquele “grupo de países árabes em conflito”. Dentro deste contexto espera-se que algumas questões venham a ser respondidas, como por exemplo: quais são as consequências dessas representações? Qual é o papel da mídia na manutenção de estereótipos? Entretanto, faz parte do capítulo também avaliar o poder do receptor, que com a internet e sites de buscas na mão, é capaz de checar informações e pontenciar rejeições com o uso das *hashtags*.

O quarto capítulo ("*Não Conta Lá em Casa*") tem como foco o programa, a começar pelos objetivos e principais características, como a exposição dos bastidores e a informalidade. A iniciativa surgiu em 2004, após o tsunami que matou 94 mil pessoas na Indonésia. UFO e Fran, amigos de infância, tinham voltado do país havia pouco tempo, mas decidiram retornar para gravar um documentário. Esses primeiros passos do *Não Conta Lá em Casa* dizem muito sobre sua proposta durante os anos que se seguiram. É a necessidade de mostrar uma outra visão sobre um lugar problemático que moveu o projeto durante anos. A partir daqui, além da pesquisa bibliográfica, também será importante a entrevista com André Fran, integrante e autor do livro sobre o programa lançado em 2013. A fim de que a essência seja captada, todas as temporadas serão rapidamente abordadas por meio de cenas descritas e interpretadas.

Certamente não é algo simples transformar uma ideia em um programa de um grande canal como o Multishow, mas o contexto de expansão e de crescente segmentação dos canais de TV por assinatura favoreceu a entrada dos quatro amigos (na época Fran, UFO, Leondre e Pesca estavam no projeto) no ramo audiovisual. A iniciativa deu frutos durante oito temporadas e a partir de 2016, Fran, UFO e Michel passaram a apresentar o *Que Mundo é Esse?*, na GloboNews. O programa é parecido, mas em vez de focar em países, se volta para pautas específicas.

Já o quinto capítulo ("A informação e o hibridismo de gêneros televisivos") vira-se de uma vez para a televisão como foco. Afinal, o jornalismo pode mudar o mundo ou é apenas mais uma atividade comercial? Apesar de mostrar os dois lados, o presente trabalho escolheu o lado otimista do debate. Em seguida, todos os gêneros que se encaixam no *Não Conta Lá em Casa* serão explicados e relacionados às características do programa. Circulando entre o entretenimento e o informativo, Fran, UFO e Michel fazem um programa de viagens que também é *reality show*. Mesmo com a mistura, tudo é construído de forma harmônica e consonante ao estilo proposto.

São tempos difíceis para os meios de comunicação tradicionais. A internet mexeu com o processo produtivo e com o telespectador, mudando a forma de fazer e assistir televisão. Pesquisas apontam que além do tempo, a atenção tornou-se um trunfo cada vez mais valioso, já que o público desaprendeu a concentrar-se em apenas um meio e passou a dividir os olhares com os *smartphones*. Como lidar com isso, diante de todo o potencial conhecido da TV?

Chegando no último capítulo, o foco estará em como o modelo do *Não Conta Lá em Casa* influencia na representação dos refugiados do Oriente Médio, de acordo com a narrativa montada pelos integrantes e edição. Mais uma vez, as cenas serão descritas, interpretadas e intercaladas com conceitos teóricos. Ao final, o objetivo será provar que é possível falar de temas complexos como a crise dos refugiados mesmo em um formato como o do *Não Conta Lá em Casa*. São tempos difíceis sim, mas o papel do profissional de comunicação passa a ser buscar possibilidades. Como começo, é bom saber que provavelmente essas possibilidades estarão mais ligadas à forma do que ao conteúdo.

Falar de refugiados é atentar para um fenômeno humano. Toda a questão, desde sua origem com o terror até o destino final com voluntários fazendo de tudo para ajudar, exige uma leitura humana, considerando o contexto complexo ao qual se insere. A proposta de colocar repórteres como aventureiros, que choram e abordam assuntos pessoais em frente às câmeras, humaniza um programa informativo.

Com fórmula incerta para o futuro, o jornalismo ainda procura meios de fazer-se importante na sociedade. Diante de tanta informação e leigos usando seus *smartphones* para dar todo tipo de notícia na internet, a humanização pode ser um caminho válido para algo que já vem acontecendo naturalmente. Isto é, comparando ao jornalismo internacional padrão, ao invés de estarem em um estúdio chamando imagens de agências internacionais, Fran, UFO e Michel vão pessoalmente ao lugar que querem mostrar. A atualidade do tema da última temporada será aproveitada e explorada em outras fontes para que possa ser comparada com o que foi exposto sobre a crise dos refugiados no *Não Conta Lá em Casa*.

2. Raízes do êxodo

A partir de 2010, uma onda de protestos invadiu países do Oriente Médio e norte africano, enchendo a humanidade de esperanças por um mundo melhor. Não havia líderes, apenas a consciência da necessidade de transformações profundas. A Primavera Árabe, como ficou conhecida, teve início na Tunísia, uma pequena nação no norte da África, e seguiu para Líbia, Egito, Argélia, Iêmen, Marrocos, Bahrein, Síria, Jordânia e Omã. O cenário era de crise: pobreza, opressão, repressão e todos os outros lastimosos itens que compõem sistemas ditatoriais fortes o suficiente para dominar o povo, mas frágeis demais na garantia dos direitos humanos.

Em dezembro de 2010, o vendedor de rua Mohamed Bouazizi ateou fogo ao próprio corpo como forma de protesto às injustiças do governo¹. Bouazizi morreu no mês seguinte após complicações de seu estado de saúde. A tragédia, que marcou o epicentro do terremoto geopolítico que viria a seguir, aconteceu em Sidi Bouzid, na região central da Tunísia. Em 14 de janeiro de 2011, após incansáveis manifestações populares e um saldo de centenas de vidas perdidas em prol da democracia, o regime autoritário de Zine El Abidine Ben Ali, que ficou no poder durante 23 anos, teve fim. A revolta popular obrigou o ditador a fugir para a Arábia Saudita em busca de refúgio. No ano seguinte ele seria condenado à prisão perpétua pelas mortes causadas durante o seu governo².

A situação atual da Tunísia, ainda que frágil, consegue ser o caso mais bem-sucedido dentre os envolvidos na Primavera Árabe. Em 2014 o país elegeu, por sufrágio universal, Béyi Caïd Essebsi, ex-ministro e na época com 88 anos. Além disso, uma nova Constituição foi aprovada no mesmo ano³. Até 2014, entretanto, a Tunísia esteve em estado de emergência. Eram proibidas manifestações e greves. A imprensa teve sua liberdade ameaçada e os cidadãos tiveram restrições no direito de ir e vir⁴.

¹Informação disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/ultimas_noticias/2011/12/111217_tunisia_estatua_bouazizi_cc_rn>. Acesso em 25 de junho de 2016.

²Informação disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,ex-ditador-da-tunisia-e-condenado-a-prisao-perpetua,902491>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

³Informações disponíveis em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/12/saiba-o-que-aconteceu-com-os-paises-envolvidos-na-primavera-arabe.html>>. Acesso em 27 de março de 2016.

⁴Informações disponíveis em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/06/internacional/1394110588_388318.html>. Acesso em 31 de março de 2016.

Não por acaso, o Prêmio Nobel da Paz de 2015 foi dado ao Quarteto do Diálogo Nacional Tunisiano⁵, o grupo das quatro organizações civis que contribuíram para uma solução consensual durante a crise que se alastrou no período após a Primavera Árabe. São elas: a central sindical UGTT (União Geral dos Trabalhadores Tunisianos), a entidade patronal UTICA (União Tunisiana da Indústria, Comércio e Artesanato), a Liga Tunisiana dos Direitos Humanos e a Ordem dos Advogados.

Infelizmente, os outros países, que inspirados pela Tunísia se rebelaram contra seus governos, não foram bem-sucedidos. Além de não conseguirem substituir as ditaduras por governos democráticos, viram grupos terroristas aproveitarem-se do enfraquecimento do Estado para se firmarem nos territórios. Hoje, "a Primavera Árabe parece encurralada entre duas ameaças: o retorno dos Estados autoritários e o risco jihadista"⁶. Foi o caso da Síria.

Bashar al-Assad está no poder desde 2000. Antes disso, seu falecido pai, Hafez al-Assad, comandou a Síria por 29 anos. Quando os protestos por sua saída começaram, Assad viu seu tão sólido posto ser ameaçado. Milhares de pessoas foram mortas e outras tantas foram presas no conflito. Os revolucionários que ficaram estão armados integrando o Exército Livre e o que a Síria vive hoje já não é mais Primavera Árabe. É uma guerra civil⁷.

No Egito, o documentário *The Square*⁸ sobre os protestos populares na Praça Tahrir, foi indicado ao Oscar de melhor documentário em 2014. O filme mostrou muçulmanos e cristãos na maior praça pública do Cairo, aos gritos de "Pão, liberdade, justiça social!". Não demorou muito para o presidente Mohammed Hosni Mubarak renunciar ao cargo que ocupou por quase 30 anos. Entretanto, o conflito abriu espaço para a entrada da Irmandade Muçulmana, grupo que atuou na clandestinidade durante os anos da ditadura de Mubarak. A organização prega a Sharia, o que quer dizer basicamente que para seus integrantes, o país deveria ser governado segundo as leis da religião. Ainda que Mohamed Morsi, representante da Irmandade, também tenha caído do poder, é importante observar as ameaças que pairam sobre um processo revolucionário desse porte. Principalmente porque os protestos pela queda de Morsi, que foi eleito democraticamente, colocaram o país nas mãos de Abdel Fattah Al Sisi, um ditador que por muitos é considerado mais opressor que Mubarak.

⁵ Informações disponíveis em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/09/internacional/1444377811_634974.html>. Acesso em 31 de março de 2016.

⁶ Informação disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=2001>>. Acesso em 11 de abril de 2016.

⁷ Informação disponível no Dossiê Superinteressante: "A era do terror", de março de 2016.

⁸ THE Square. Direção: Jehane Noujaim. Netflix, 2014.

2.1 Terrorismo e refúgio

Cinco anos depois do início desses episódios, o mundo árabe está ainda mais bipolar com a disputa entre sunitas e xiitas. A bola de neve de repressão que gera violência e que por sua vez gera mais repressão é uma realidade impiedosa para a maioria dos cidadãos desses territórios. Obviamente que, um contexto problemático com essas proporções, não teve início em 2010. As autoritárias demarcações territoriais feitas depois da Segunda Guerra Mundial e a globalização vêm, há décadas, causando severos efeitos em algumas regiões:

O efeito tanto da globalização quanto da fragmentação pós-Guerra Fria realçou a emergência de conflitos de identidade coletivas mais que as anteriormente polarizadas posturas ideológicas Ocidente-Oriente. Além disso, o fato de um número predominante das vítimas dessas guerras civis ou domésticas serem civis torna importante que se lide com esse intenso sofrimento, tradicionalmente não coberto pelas regras dos combatentes uniformizados, apesar de o alto custo em vidas humanas acabar criando uma espiral de violência entre os envolvidos, que se superpõe às próprias raízes do conflito original (BISHARAT & KAUFMAN, 2002, p. 152).

O caso da Síria, um dos países mais afetados negativamente pela Primavera Árabe, possui algumas especificidades. Isso porque Bashar al-Assad tomou uma série de decisões que mudariam radicalmente o país nos anos seguintes. De um território com ofertas turísticas, a Síria se transformou em um lugar devastado, marcado por deslocamentos internos e fugas em massa para a Europa.

O maior medo de Assad era perder o poder para a maioria sunita [...] Assad então reprimiu agressivamente toda forma de protesto. Criticado mundo afora, o presidente bolou uma estratégia para evitar represálias: chamar todos os rebeldes de terroristas da Al Qaeda. Para provar seu ponto, Assad libertou vários terroristas presos na Síria - sob a falsa promessa de soltar na verdade, os presos políticos encarcerados durante os protestos. O governo ainda fechou os olhos para a entrada de terroristas vindos do Iraque e armados até os dentes. A ideia dele era simples: deixar os terroristas acabarem com os rebeldes, o que de fato aconteceu, e ainda ganhar apoio internacional. Difícil seria conter o avanço deles (CASTRO, 2015, p. 14 e 15)

Com o terror instaurado, fica cada vez mais fácil convencer a todos de que é melhor uma ditadura estável do que um povo livre e em conflito. Além disso, esse tipo de atitude do presidente Assad faz o mundo concentrar as atenções nas ameaças do jihadismo, desviando o foco da violência exercida pelo próprio governo e das necessárias reformas democráticas. Em

uma situação fora do controle, a cidade de Aleppo, a segunda maior do país, se vê diante de uma disputa de território trincada entre o Estado Islâmico e o governo. Os rebeldes do Exército Livre, entretanto, os vê como aliados entre si, culpando Assad pela entrada do grupo terrorista no país. Se por um lado Assad é o culpado por uma guerra civil, o Estado Islâmico é culpado por uma guerra sectária.

A estratégia da Líbia do general Khalifa Haftar foi combater o governo rival de Trípoli enquanto o Estado Islâmico tomava a região de Sirte. Já no Iêmen, a Al-Qaeda chegou a negociar com o governo. Em janeiro de 2015, um braço do grupo terrorista no país reivindicou a autoria dos ataques contra a cidade de Paris que incluíram o jornal "Charlie Hebdo"⁹. Observando de 2016, pouco restou daquela esperança fugaz suscitada durante a Primavera Árabe.

O fortalecimento de organizações terroristas deixa as populações vulneráveis e é um dos grandes culpados pelas debandadas territoriais em massa. Segundo o *Institute for Economics and Peace* (IEP)¹⁰, os cinco países mais impactados pelo terrorismo são: Iraque, Afeganistão, Nigéria, Paquistão e Síria, respectivamente. Por outro lado, o relatório mais recente da *United Nations High Commissioner for Refugees* (UNHCR)¹¹, sobre a origem dos refugiados, aponta Síria, Afeganistão, Somália, Sudão do Sul e Sudão, respectivamente como os responsáveis pelo maior número de pedidos de refúgio. Nota-se que os dois primeiros países desse ranking estão também no ranking das nações que mais sofrem com o terrorismo. Já o Iraque, primeiro na lista do primeiro índice, apareceu em décimo no segundo.

Historicamente, este é o auge dos atentados terroristas. Segundo o IEP, as mortes causadas pelo terrorismo no mundo todo tiveram um aumento de 80% quando comparados os anos de 2013 e 2014¹². Em novembro de 2015, uma série de ataques em Paris, assumidos posteriormente pelo Estado Islâmico, deixou 130 mortos¹³. Em março de 2016, o mesmo grupo deixou dezenas de mortos e centenas de feridos nas ações contra a capital da Bélgica,

⁹ Informações disponíveis no Dossiê Superinteressante: A era do terror, de março de 2016.

¹⁰ Disponível em: <<http://economicsandpeace.org/wp-content/uploads/2015/11/2015-Global-Terrorism-Index-Report.pdf>>. Acesso em 25 de junho de 2016.

¹¹ Disponível em: <<http://www.unhcr.org/statistics/country/576408cd7/unhcr-global-trends-2015.html>>. Acesso em 25 de junho de 2016.

¹² Disponível em: <<http://www.unhcr.org/56655f4d8.html>>. Acesso em 25 de junho de 2016.

¹³ Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/01/estado-islamico-publica-video-dos-autores-dos-atentados-em-paris-4959479.html>>. Acesso em 14 de julho de 2016.

Bruxelas¹⁴. Entretanto, no final das contas e como se pôde observar, quem sofre as consequências pelo terrorismo islâmico são os muçulmanos, considerando que os grupos mais ativos estão sediados em regiões de maioria muçulmana. Dentre os países mais impactados pelo terrorismo (citados no parágrafo anterior) todos estão em áreas de maioria islâmica. Em uma sequência de ataques completamente ignorados pela mídia brasileira, o grupo terrorista Boko Haram, reivindicou o massacre em Baga, na Nigéria, que resultou em dois mil mortos. Esse foi o pior ataque desde o 11 de setembro¹⁵. Além disso, em países como a Síria, por exemplo, o drama do terrorismo é agravado por um contexto de guerra civil.

Entre 2013 e 2014 houve um expressivo aumento no número de refugiados no mundo. O salto foi de 51,2 para 59,5 milhões de pessoas deslocadas por guerras, segundo a UNHCR¹⁶. Os dados de 2015 indicam um novo aumento. Foram 65,3 milhões de deslocamentos¹⁷. Exatamente por isso, o tema foi amplamente abordado na mídia, principalmente no último ano. Porém, é importante lembrar que emigrar, ou mesmo buscar refúgio em um outro país, não é uma novidade. Segundo Barreto (2010, p. 12) "o tema do refúgio é tão antigo quanto a humanidade", já que já existia na Grécia antiga, Roma, Egito e Mesopotâmia. Mas, ainda segundo Barreto "naquela época, o refúgio era marcado pelo caráter religioso, em geral concedido nos templos e por motivo de perseguição religiosa" (BARRETO, 2010, p. 12). O autor afirma que o tema só passa a ser assunto de Estado, e ligado ao conceito de extraterritorialidade, muito tempo depois, quando surgem os sistemas diplomáticos e de embaixada.

2.2 Refugiados x imigrantes x requerentes de asilo

Diferenciar termos frequentemente confundidos entre si é essencial para esclarecer de quem trata este estudo. Apesar de muitas vezes usadas como sinônimos, existe uma diferença jurídica crucial para cada contexto. O engano acaba interferindo nas discussões e reflexões sobre o tema. Por esse motivo, as resoluções utilizadas neste trabalho estão de acordo com as definições da UNHCR e seu representante para países lusófonos, a ACNUR.

¹⁴ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/03/aeroporto-de-bruxela-na-belgica-registra-explosoes.html>>. Acesso em 14 de julho de 2016.

¹⁵ Informação disponível no Dossiê Superinteressante: A era do terror.

¹⁶ Os números incluem pessoas deslocadas internamente em seus países, refugiados e requerentes de asilo.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.unhcr.org/statistics/country/576408cd7/unhcr-global-trends-2015.html>>. Acesso em 25 de junho de 2016.

O próprio G1, o maior site de notícias do Brasil, confundiu diversas vezes seus leitores com manchetes como: "O que há por trás da crise de imigrantes na Europa?"¹⁸, de 29 de agosto de 2015; "Dezenas de imigrantes são achados mortos em caminhão na Áustria"¹⁹, de 27 de agosto de 2015; "Milhares de migrantes chegam à Sérvia após passar pela Macedônia"²⁰, de 24 de agosto de 2015, e "Quase 2 mil migrantes estão bloqueados entre Grécia e Macedônia"²¹, de 22 de agosto de 2015. Em todos esses exemplos o conteúdo das matérias tratava de refugiados. Não usar o termo correto desvia o foco do leitor do verdadeiro problema. Isso porque quando se diz que migrantes foram bloqueados, por exemplo, se entende que aquelas pessoas são um transtorno e, logo, precisam ser bloqueadas. Ao mudar apenas uma palavra do último exemplo para: "Quase 2 mil refugiados estão bloqueados entre Grécia e Macedônia", a injustiça fica muito mais clara. Como segurar a passagem de quem precisa desesperadamente fugir para sobreviver?

Em agosto de 2015, a rede Al Jazeera²² declarou que não iria utilizar imigrantes e refugiados como sinônimos. No Brasil, a Folha de São Paulo²³ chegou a diferenciar os termos, mas terminou com uma declaração dizendo que ajudar essas pessoas é mais importante do que preocupar-se com a terminologia correta. Parecem não ter percebido que antes é preciso saber identificar quem precisa de ajuda, sem esquecer do fato de que os refugiados são protegidos por leis internacionais. Por outro lado, não há leis que protejam especificamente os imigrantes. É simples: se a mídia diz "imigrante", ela confirma que os países da União Europeia não são obrigados a recebê-los e isso atrapalha a luta pela solução do problema. Para a Al Jazeera, que em texto sensível defendeu a terminologia correta, o termo guarda-chuva "migrante" não é capaz de descrever o horror de precisar fugir para salvar a própria vida e a dos filhos, enfrentar uma travessia perigosa e ainda assim ser um

¹⁸ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/o-que-ha-por-tras-da-crise-de-imigrantes-na-europa.html>>. Acesso em 26 de junho de 2016.

¹⁹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/dezenas-de-imigrantes-sao-achados-mortos-em-caminhao-na-austria.html>>. Acesso em 26 de junho de 2016.

²⁰ Disponível no link: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/milhares-de-migrantes-chegam-servia-apos-passar-pela-macedonia.html>>. Acesso em 26 de junho de 2016.

²¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/quase-2-mil-migrantes-estao-bloqueados-entre-grecia-macedonia.html>>. Acesso em 26 de junho de 2016.

²² Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/blogs/editors-blog/2015/08/al-jazeera-mediterranean-migrants-150820082226309.html>>. Acesso em 11 de julho de 2016.

²³ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/08/1674827-refugiados-ou-imigrantes-a-discussao-sobre-os-terminos-para-descrever-a-crise.shtml>>. Acesso em 11 de julho 2016.

incômodo. Outros sites como o Uol²⁴, El País²⁵ e Exame²⁶ também sinalizaram a batalha semântica.

O uso incorreto dos termos em matérias veiculadas na mídia brasileira se deve principalmente ao fato de que esses são textos replicados. Por sua vez, o uso da palavra “migrante” na Europa é uma decisão que mascara as responsabilidades do continente, acordadas na Convenção de 1951. No Brasil, é comum ver materiais recebidos de agências internacionais e sendo reproduzidos em sites como o G1. Na televisão, quando há correspondentes, muitas vezes entram no ar para falar sobre Oriente Médio, por exemplo, estando em Londres ou Paris. Michel Coeli chamou esse movimento de “jornalismo em três camadas”, sendo elas: público, informação e repórter. O movimento que tentam fazer ao envolverem-se com a notícia, é misturar as camadas correspondentes à informação e ao repórter²⁷.

Resumidamente, o erro na diferenciação dos termos acontece pelo motivo mais simples de todos. Os jornalistas não sabem. Estão escrevendo sobre a maior crise de refugiados desde a Segunda Guerra Mundial²⁸ sem ao menos saber a diferença entre refugiados e imigrantes, bem como o enorme peso que um erro jornalístico significa. O impacto, nesse caso, é a repetição de um discurso que dificulta a visualização do problema como um todo.

Acontece-me ter vontade de retomar cada palavra dos apresentadores que falam muitas vezes levemente, sem ter a menor ideia da dificuldade e da gravidade do que evocam e das responsabilidades em que incorrem ao evocá-las diante de milhares de telespectadores, sem as compreender e sem compreender que não as compreendem. Porque essas palavras fazem coisas, criam fantasias, medos, fobias ou, simplesmente, representações falsas (BOURDIEU, 1997, p. 26).

Tecnicamente, refugiados são cidadãos sem escolha e que, por motivos de etnia, religião, nacionalidade, convicção política ou pertencimento a certo grupo social, veem-se acudados em sua própria terra, e logo, precisam de proteção. Importante ressaltar também que

²⁴ Disponível em: <<http://m.noticias.uol.com.br/midiaglobal/lemonde/2015/08/27/quais-sao-as-diferencas-entre-imigrantes-e-refugiados.htm>>. Acesso em 11 de julho de 2016.

²⁵ Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/27/internacional/1443378197_152734.html>. Acesso em 11 de julho de 2016.

²⁶ Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/imigrantes-ou-refugiados-como-uma-simples-palavra-muda-tudo>>. Acesso em 11 de julho de 2016.

²⁷ Informação concedida em palestra realizada na PUC-Rio, no dia 12 de maio de 2016.

²⁸ Informação disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/09/numero-de-refugiados-e-o-maior-desde-segunda-guerra-mundial.html>>. Acesso em 5 de julho de 2016.

recusar a entrada dessas pessoas e/ou obriga-las a retornar significa colocar a vidas das mesmas em risco. Segundo o Artigo 3 da Declaração Universal dos Direitos Humanos "todas as pessoas têm direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal". Já o Artigo 14 é ainda mais claro, afirmando que "toda a pessoa sujeita a perseguição tem o direito de procurar e de beneficiar de asilo em outros países"²⁹.

Refugiados são pessoas que estão fora de seus países de origem por fundados temores de perseguição, conflito, violência ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e que, como resultado, necessitam de "proteção internacional"³⁰.

Apesar de ser possível demonstrar a necessidade da cooperação internacional por meio da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951)³¹ foi responsável por definir um status legal de refugiados e destrinchar as obrigações dos países acolhedores. Dentre os trechos mais importantes está o Artigo 33, que proíbe a expulsão de um refugiado quando essa atitude representar uma ameaça à vida. Entretanto, quando um refugiado entra sem visto em um país, deve permanecer no primeiro país que chegar para a regulamentação de sua situação³². Esse é um critério da Convenção de Dublin e adotado por todos os países da União Europeia, mas que acaba por não atender um grande fluxo de refugiados, já que a maioria chega pela Grécia e percorre a rota com destino final na Alemanha. Aparentemente, alguns podem pensar, a solução seria pegar um avião direto para a Alemanha. Acontece que toda a burocracia do visto não coincide com o desespero das vidas ameaçadas 24 horas por dia. Além disso, ainda que um consiga, os fracassos ao tentar obter visto para toda a família impedem que os procedimentos aconteçam de forma legal. Alan Kurdi, o menino sírio encontrado em uma praia da Turquia, morreu, assim como seu irmão e sua mãe, na perigosa travessia por mar após ter solicitação de asilo negado pelas autoridades do Canadá³³.

²⁹ Informações disponíveis em: <<http://www.humanrights.com/pt/what-are-human-rights/universal-declaration-of-human-rights/articles-01-10.html>>. Acesso em 18 de abril de 2016.

³⁰ Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/refugiados-e-migrantes-perguntas-frequent-es/>>. Acesso em 18 de abril de 2016.

³¹ Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf?view=1>. Acesso em 17 de julho de 2016.

³² Informação disponível em: <[http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=celex%3A41997A0819\(01\)](http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=celex%3A41997A0819(01))>. Acesso em 17 de julho de 2016.

³³ Informação disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/meus-filhos-escorreram-pelas-minhas-maos-diz-pai-de-menino-sirio-morto.html>>. Acesso em 2 de maio de 2016.

Por isso o termo imigrante não abarca os refugiados por uma simples diferença: o direito de escolha. Entender-se-ão como imigrantes aqueles que, voluntariamente, buscam outro país por melhores oportunidades econômicas, por exemplo. Também são considerados imigrantes aqueles que cruzam a fronteira para estudar ou mesmo aqueles que tentam escapar da fome e de desastres naturais. Imigrar sem autorização é ilegal, mas buscar refúgio é um direito universal. O indivíduo refugiado precisa de proteção e misturar todos em um mesmo grupo dificulta a identificação de suas verdadeiras necessidades.

Por último e para não restar dúvidas, os requerentes de asilo são aqueles que solicitaram asilo em um outro país e estão aguardando a resposta. Todos os refugiados devem realizar o procedimento, seja antes ou depois de chegarem ao novo país. No caso da Alemanha, por exemplo, o destino principal dos refugiados que estão chegando na Europa³⁴, o indivíduo nessa situação deve permanecer em um alojamento e ainda não pode trabalhar. O direito será concedido caso seja comprovado que o requerente sofre perseguição política em seu país de origem. Isto é, alguém que "por causa de suas convicções políticas, é marginalizado de tal forma que sua dignidade humana é ferida"³⁵.

2.3 A morte do menino sírio: a crise *dos* refugiados

Figura 1: Alan Kurdi



Fonte: Nilüfer Demir/AP

³⁴ Segundo dados da UNHCR, a Alemanha recebeu 441.900 pedidos de asilo em 2015, mais do que qualquer outro país. Informação disponível em: <<http://www.unhcr.org/global-trends-2015.html>>. Acesso em 25 de junho de 2016.

³⁵ Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/entenda-a-diferenca-entre-migrante-refugiado-e-requerente-de-asilo-2601.html>>. Acesso em 8 de maio de 2016.

Em setembro de 2015, a foto de um menino sírio (Figura 1) de três anos virou símbolo da crise migratória no litoral da Europa. Encontrado morto na praia de Bodrum, na Turquia, Alan Kurdi tentava fugir dos males do Estado Islâmico por mar quando a embarcação em que estava virou, matando também seu irmão mais velho e sua mãe.

A foto de Alan Kurdi causou comoção internacional e chamou a atenção para questões como os direitos humanos e justiça social. Mais do que isso, o apelo causado pela morte enternecedora de um inocente trouxe ainda um outro lado da crise de refugiados: a crise *dos* refugiados. Não por acaso Abdullah Kurdi, pai de Alan e único sobrevivente declarou: "A morte do meu filho serviu para abrir os olhos e os corações do mundo para o problema dos refugiados"³⁶.

No dia dois de setembro de 2015, o site da revista Exame publicou matéria intitulada "A foto deste menino simboliza toda a tragédia dos refugiados"³⁷. De uma maneira geral, toda a mídia mostrou bastante sensibilidade ao falar do assunto. O jornal inglês *The Guardian*, usou a manchete "Imagens chocantes de menino sírio afogado mostram trágica situação de refugiados"³⁸ para chamar o assunto. No também inglês *The Independent*, a notícia foi informação e apelo: "Se essas imagens extraordinariamente poderosas de uma criança síria afogada em uma praia não mudarem a atitude da Europa para os refugiados, o que mudará?"³⁹. A comoção causada pela foto causou muitos impactos no apoio à causa síria. Em entrevista ao *Não Conta Lá em Casa*, uma das voluntárias do campo de refugiados para não-sírios tentou explicar a separação de campos na Grécia, que oferecia recepção exclusiva para sírios:

É uma das minhas maiores decepções, pois sinto, realmente, um racismo. Acho que pode ser pela foto tirada há semanas atrás, do menino sírio morto. Que foi uma foto horrível. E me disseram que devido a essa foto estão enviando apenas dinheiro para refugiados sírios. E por isso os afegãos e outros não recebem dinheiro das ONGs. Parte é devido a essa foto e acho que

³⁶ O trecho descrito é de entrevista exibida no documentário "Síria em Fuga". Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/globonews/v/4673083/>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

³⁷ Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/a-foto-deste-menino-simboliza-toda-a-tragedia-dos-refugiados>>. Acesso em 26 de junho de 2016.

³⁸ Tradução da autora. "Shocking images of drowned Syrian boy show tragic plight of refugees". Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/sep/02/shocking-image-of-drowned-syrian-boy-shows-tragic-plight-of-refugees>>. Acesso em 8 de maio de 2016.

³⁹ Tradução da autora. "If these extraordinarily powerful images of a dead Syrian child washed up on a beach don't change Europe's attitude to refugees, what will?" Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/europe/if-these-extraordinarily-powerful-images-of-a-dead-syrian-child-washed-up-on-a-beach-don-t-change-10482757.html>>. Acesso em 8 de maio de 2016.

pela falta de conhecimento sobre a situação no Afeganistão e Paquistão. As pessoas não sabem nada sobre eles, não existe empatia⁴⁰.

Mas por que justamente essa foto? Fotos trágicas são tiradas todos os dias, então por que apenas uma viraria ícone de um complexo problema? No que consiste a empatia citada pela voluntária na Grécia? Meses depois, a foto de outra criança, morta nos braços de um socorrista alemão após um naufrágio (Figura 2), foi distribuída por organizações humanitárias a fim de chamar a atenção das autoridades⁴¹. A imagem, porém, não teve o mesmo impacto daquela de Alan Kurdi. O que explicaria isso?

FIGURA 2: Naufrágio na Grécia



Fonte: Christian Buettner/Eikon Nord GmbH Germany/Handout via REUTERS

Em primeiro lugar, sobre a foto mais recente, o quesito novidade é a explicação plausível. Até o ocorrido com Alan, talvez a população do resto do mundo nunca tivesse parado para pensar no quão desumano é esse processo de fuga, dos motivos que movem os refugiados até a maneira com as quais se dá essa saída em massa. Agora, aparentemente, as consequências mais violentas da crise já foram apresentadas.

Em segundo lugar, desde que a fotógrafa turca Nilufer Demir divulgou o traumático registro de Alan Kurdi, algumas análises tentaram explicar tamanho impacto. A maioria delas dá conta de que o fato de Alan estar com o rosto escondido, com um corte de cabelo comum e vestido com roupas comuns, o deixou em uma condição que fez com que muitos pais

⁴⁰ Entrevista exibida no quinto episódio da oitava temporada: “Indo para a Grécia”. Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/multishow/v/4680050/>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

⁴¹ Informação disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,foto-de-bebe-morto-nos-bracos-de-socorrista-ressalta-drama-vivido-no-mediterraneo,1874581>>. Acesso em 8 de junho de 2016.

pensassem: “poderia ser o meu filho”. A praia calma e vazia era um cenário quase que inacreditável para uma morte cruel. Alan Kurdi poderia facilmente estar dormindo naquela posição. Nos dias que se seguiram após a publicação, muitos artistas compartilharam a cena em manifestações artísticas. A mais famosa delas o representa com asas⁴².

A foto também suscitou o debate sobre sensacionalismo. Algumas organizações, dentre elas a inglesa BBC⁴³ e o jornal alemão *Bild*, o mais vendido do país, optaram por falar da foto sem expô-la aos leitores. A ilustração usada nas matérias da BBC, por exemplo, é o clique seguinte, em que apenas as pernas do menino aparecem enquanto o guarda turco o carrega. No caso do *Bild*, a opção foi uma forma de protesto. Depois de receber reclamações de leitores desfavoráveis à publicação da foto, o jornal fez uma edição sem foto nenhuma para provar a importância do uso da imagem no jornalismo⁴⁴. Will Gore, um dos editores do *Independent*, veículo que publicou a foto icônica, declarou que: “É correto que você raramente use imagens de morte, caso contrário elas podem perder seu poder”⁴⁵. O que Gore quis dizer é que é necessário encontrar um equilíbrio, usando imagens fortes no momento certo e escapando do estigma de sensacionalista. O dicionário de comunicação define sensacionalismo como:

estilo jornalístico caracterizado por intencional exagero da importância de um acontecimento, na divulgação e exploração de uma matéria, de modo a emocionar ou escandalizar o público [...] O apelo sensacionalista pode conter objetivos políticos (mobilizar a opinião pública para determinar atitudes ou pontos de vista) ou comerciais (aumentar a tiragem do jornal) (BARBOSA & RABAÇA, 1987, p.531).

Rabaça & Barbosa lembram ainda que lide e título não deixam de ser artifícios sensacionalistas, já que são pensados para atrair a atenção do leitor para a matéria. Pensando por esse viés e reconhecendo a importância da temática por trás da foto de Alan Kurdi, é possível determinar que seu uso configura uma ação sensacionalista, mas não no sentido pejorativo da palavra. O sensacionalismo aqui simboliza um apelo para uma causa que

⁴² Ilustrações disponíveis em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/ilustracoes-homenageiam-menino-sirio-morto-em-praia-em-redes-sociais.html>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

⁴³ Matéria da BBC inglesa disponível no link: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-34141716>> e BBC Brasil em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150904_siria_familia_abc>. Acesso em 30 de junho de 2016.

⁴⁴ Informação disponível no link: <<https://www.theguardian.com/media/2015/sep/08/bild-photos-aylan-kurdi-complaints>>. Acesso em 30 de junho de 2016.

⁴⁵ Entrevista divulgada no site da BBC Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150901_foto_alan_kurdi_ik> Acesso em 16 de maio de 2016.

precisa de atenção e ação. Isso porque o retrato desta criança sozinha é mais forte que os números de todos os mortos juntos no jornal.

3. Mídia ocidental e representação médio-oriental

A palavra estereótipo vem de “estereotipia” (RABAÇA & BARBOSA, 1987, p.247). Por sua vez, estereotipia é um processo gráfico no qual uma composição tipográfica “é reproduzida em uma chapa, ou clichê único, inteiriço e inalterável” (RABAÇA & BARBOSA, 1987, p.247), o estereótipo. Ou seja, um estereótipo representa algo que pode ser aplicado e repetido diversas vezes de forma automática e mecânica. O significado não está muito longe do termo usado para denominar o que o dicionário Michaelis chamou de uma “imagem mental padronizada, tida coletivamente por um grupo, refletindo uma opinião demasiadamente simplificada, atitude afetiva ou juízo incriterioso a respeito de uma situação, acontecimento, pessoa, raça, classe ou grupo social”⁴⁶. Na mídia, pode ser também um artifício para simplificar um assunto ou mesmo perpetuar um preconceito:

Até mesmo o uso de estereótipos, palavra que, no senso comum, carrega um valor negativo, é aceito como forma de simplificação usada pelo homem para que seja capaz de organizar a grande quantidade de informações e diferenças dispersas no mundo. Mais uma vez, o uso que o homem faz dos estereótipos pode se dar positivamente – para permitir a organização do mundo ao redor de uma pessoa – ou negativamente – servindo como ferramenta para a criação e manutenção de preconceitos e do etnocentrismo (MONTEIRO, 2010, p.6).

Não por acaso a origem da palavra estereótipo carrega consigo um outro termo bastante repetido em críticas às representações midiáticas: o clichê. Se na estereotipia, um clichê é uma “fôrma”, no senso comum a palavra significa, dentre outras coisas, o chavão ou lugar-comum⁴⁷. Tanto o estereótipo quanto o clichê estão relacionados ao conceito de “representação social” e à relação do homem com as diferenças.

O uso do estereótipo como forma de organização do mundo ou simplificação de temas complexos que precisam ser tratados de forma rápida está intimamente ligado ao contexto contemporâneo em que as informações estão disponíveis e sendo atualizadas o tempo todo. O indivíduo não quer interpretar e refletir sobre tudo que recebe. Não é necessário esperar o jornal de amanhã ou o próximo horário do noticiário para ser atualizado sobre determinado assunto. As pautas que foram destaque nessa semana serão substituídas por outras na semana que vem e assim sucessivamente. Muitas vezes os próprios jornalistas também não têm tempo ou não estão capacitados para pensar criticamente sobre as informações que estão passando.

⁴⁶ Definição disponível no link: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=estere%F3tipo>>. Acesso em 6 de junho de 2016.

⁴⁷ Definição disponível no link: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=clich%EA>>. Acesso em 6 de junho de 2016.

Conforme Traquina (*apud* BORGES & PICCININ, 2015, p. 2), esse contexto acentuou a inserção da objetividade e da imparcialidade como meios para um jornalismo com credibilidade. Ou seja, “o jornalismo informativo, calcado na objetividade, trabalha muito em função do fator tempo para concluir o fechamento do jornal e ainda busca atender os distintos públicos com diferentes opiniões políticas com esta promessa” (BORGES & PICCININ, 2015, p. 2).

O problema do uso do estereótipo é que quanto mais ele é repetido, mais distorcida fica a visão sobre o outro. Quanto menos conhecimento sobre Oriente Médio, mais estranhos serão seus cidadãos e mais homogêneas serão suas particularidades vistas de cada vez mais longe. A própria definição de Oriente Médio não é consenso e parece cada vez mais ampla. Para os países francófonos, a região compreende os países do Golfo: Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Qatar, Bahrein, Kuwait, Iraque, e Irã e, às vezes, Afeganistão. Para os anglo-saxões, além dos já citados, Chipre, Cáucaso e as nações do chamado Oriente Próximo (Egito, Líbano, Síria, Iraque, Jordânia e Israel/Palestina) compõem o Oriente Médio. Mas, a partir dos anos de 1990, o termo MENA (*Middle East and North Africa*) passou a integrar as discussões. Isso inclui também, além de todos os países já mencionados, Armênia, Azerbaidjão, Djibuti, Geórgia, Malta, Somália, Sudão, e mais a região do Magreb: Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia e Mauritânia, sendo os dois últimos utilizados em algumas definições e em outras não⁴⁸.

Percebe-se que as definições da região são feitas por outras regiões. Basicamente, cabe a Europa decidir o que será o Oriente Médio. Essa ideia vem do velho conhecido eurocentrismo, que desde os primeiros anos da escola nos ensina que os europeus são os descobridores e não aqueles que são descobertos (NAME, 2009, p. 2). Tomando a própria Europa como referência geográfica de centro do mundo, foi definido o que seria o Oriente Próximo, por sua proximidade, o Oriente Médio, por sua média distância, e o Extremo Oriente (China, Japão, etc.) por configurarem o grupo de países mais distante da Europa.

Segundo Name, o eurocentrismo constitui-se “como formas de se relacionar com o Outro e de se representar espaços e culturas. Sua principal estratégia é diferenciar os espaços e culturas deste Outro para favorecer os espaços e culturas europeus” (2009, p.6). Ainda que, ao falar de cultura, não seja crível a separação entre melhores e piores.

⁴⁸ As informações sobre as diversas definições de Oriente Médio foram concedidas pelo orientador do trabalho: Mohammed ElHajji, Rio de Janeiro, ECO/UFRRJ, 2016.

A representação social eurocêntrica tem um agravante quando passa a ser reproduzida naturalmente por cidadãos de outros continentes que, sem perceber, se apropriaram de um discurso que não lhes pertence:

Se a princípio não há problema algum em ser etnocêntrico – todos nós o somos, na medida em que olhamos o mundo e tentamos entendê-lo a partir da perspectiva cultural e sócio-espacial na qual estamos inseridos – deveria causar espanto, ou ao menos algum desconforto, que não-europeus ensinem a sua própria história a partir deste olhar de filtro europeu. Mas tal esquizofrenia discursiva, em que o nativo profere a fala do invasor está na verdade presente não só em sala de aula, mas também na literatura, nas telas do cinema e da televisão e em muitos outros contextos (NAME, 2009, p.2).

Portanto, para falar do Oriente na mídia em particular, é necessário ir mais atrás e pensar na própria ideia de Oriente que circula no Ocidente e que faz das coberturas tópicos tão problemáticos. Já que o próprio termo "Oriente" é, de uma certa maneira, questionável. Assim como o Ocidente, e considerando todas diversidades geográficas, históricas, culturais, dentre outras diferenças, Oriente e Ocidente são criações humanas (SAID, 2007, p.24).

Assim, tanto quanto o próprio Ocidente, o Oriente é uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento, um imaginário e um vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente. As duas entidades geográficas, portanto, sustentam e, em certa medida, refletem uma à outra (SAID, 2007, p.24)

Ou seja: para que um seja Ocidente é preciso que haja um Oriente e vice-versa. De todas as características citadas por Said, o imaginário relacionado a essas regiões será o responsável por grande parte dos problemas de representação. Ou seja, é justamente a falta de conhecimento que vai gerar todos os estereótipos, clichês, preconceitos e falhas nos meios de divulgação de informação. Nesse processo, ainda segundo o autor, o Oriente teria sido "orientalizado" (SAID, 2007. p.25). Porém, nem tudo é imaginação: "A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa [...]" (SAID, 2007. p.25). Isso sem falar da África. Um continente perdido no meio da divisão seca do mundo entre Oriente e Ocidente.

Essa hegemonia complexa é identificada no discurso de diversas formas. A Europa em si não pode ser vista como um pedaço do mapa homogêneo, branco e com características claras e definidas (NAME, 2009). Assim como o Oriente, a Europa é heterogênea e plural,

mas “constantemente e por toda parte são repetidos discursos, representações e práticas eurocêntricos que mantêm à margem continentes, países, regiões, lugares, grupos sociais, etnias, gêneros, práticas religiosas e determinados outros comportamentos” (NAME, 2009, p. 10). Dentre as falas que legitimam essa hegemonia está a repetição da ideia do atraso civilizatório do Leste baseado nos costumes islâmicos, nas ditaduras e generalizações que não diferenciam árabes e muçulmanos. Estar sempre na zona de conforto do olhar sobre o Oriente a partir dos chamados costumes ocidentais, cria uma conjuntura difícil de desconstruir. É como a vista de uma janela. Se o indivíduo não se aproximar ou até mesmo se não pôr a cabeça para fora da sua zona de conforto, será impossível sair do lugar-comum. Ou seja, não é que a imagem vista de longe seja uma mentira, mas a mesma será imprecisa e é preciso enxergar em qual contexto ela está inserida. Assim também deve ser um estudo sobre o Oriente: “acima de crenças sectárias ou doutrinárias estreitas” (SAID, 2007, p.29). Ainda que seja um desafio, considerando que essas ideias veem sendo disseminadas e fortalecidas há séculos. Desde o processo de estabelecimento de colônias.

De acordo com Moscovici “a representação social refere-se ao posicionamento e localização da consciência subjetiva nos espaços sociais, com o sentido de constituir percepções por parte dos indivíduos” (*apud* ALEXANDRE, 2001, p.111-112). Sendo assim, considerando que cada um é atravessado por diversos discursos (fruto de suas relações), as representações sociais estarão constantemente submetidas ao infinito processo de atualização que as relações humanas são capazes de construir diariamente. "Isso significa que cada campo individual está ligado a todos os outros, e que nada do que acontece em nosso mundo se dá isoladamente e isento de influências externas" (SAID, 2007, p. 13-14). Stuart Hall lembra ainda que o “real” não é algo concreto e identificável, logo, como um processo problemático que é, “não é como se o real existisse e, então a representação viesse a representa-lo” (2009, p. 338). Quando se assume a representação como um campo de problema de ordem social, se assume também a necessidade que a Comunicação se encarregue de estudá-los.

Especialmente por causa dos meios de comunicação de massa, o público acostumou-se a ser bombardeado com informações o tempo todo “através de imagens e sons que, de uma forma ou de outra, tentam criar, mudar ou cristalizar atitudes ou opiniões nos indivíduos” (ALEXANDRE, 2001, p. 113). Assim como acontece com os estereótipos, essa é a característica de meios voltados para grandes públicos com necessidades, referências,

experiências e bagagens diferentes, o que provoca um material generalista. Isso não necessariamente é ruim, pois conseguir que algo seja entendido por receptores tão diversos torna a informação mais democrática assim como deve ser. Porém, é um sistema que certamente dificulta a reflexão e o pensamento crítico. Além disso, em tempos de Facebook, muitas notícias têm seus contextos ignorados ao serem compartilhadas por usuários que apenas leram o título. Em algumas ocasiões nem mesmo a data é checada e matérias antigas são expostas como novas.

Em uma Europa assustada com as recentes ameaças terroristas e que generaliza esse medo sobre muçulmanos que nada têm a ver com organizações extremistas, o medo dificulta a integração dos refugiados com as populações locais (ver anexo). E o temor foi sustentado por Abdul Basit Haroun. Em maio, o assessor do governo líbio informou à rede BBC que o Estado Islâmico estaria infiltrando terroristas nos barcos que partem da África em direção ao continente europeu⁴⁹. Em setembro, um membro do Estado Islâmico disse que a organização teria infiltrado sim cerca de quatro mil homens entre os refugiados que adentravam na Europa⁵⁰. Já em novembro, um passaporte de refugiado sírio foi encontrado na posse de um dos responsáveis pelos ataques em Paris em 13 de novembro⁵¹. O documento era falso, mas a notícia espalhou pânico mais uma vez. Em janeiro deste ano, outra investigação identificou um homem-bomba que entrou na Turquia como refugiado sírio. Nabil Fadli matou cerca de dez turistas alemães em um ataque no centro histórico de Istambul⁵².

Todos esses fatos abrem um debate ético importante acerca da marca que esses terroristas fizeram não só nas vítimas e nos países atacados, como também nos refugiados, que passaram a carregar um estigma capaz de ameaçar a continuidade da entrada de mais refugiados ou mesmo de comprometer o convívio com os nativos europeus. “O terrorismo ataca símbolos, joga com imagens e percepções. O número de pessoas que morre é menor do que o número das que são assustadas”⁵³. Por isso, a associação fácil e preguiçosa, calcada muitas vezes em especulações da mídia, passa por cima de questões óbvias, como por

⁴⁹ Informação disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150517_ei_europa_pu>. Acesso em 21 de maio de 2016.

⁵⁰ Informação disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/mundoeciencia/2015-09-10/estado-islamico-diz-ter-infiltrado-mais-de-4-mil-de-terroristas-entre-refugiados.html>>. Acesso em 24 de maio de 2016.

⁵¹ Informação disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/11/1706555-passaporte-encontrado-com-terrorista-de-paris-e-de-refugiado-sirio-diz-grecia.shtml>>. Acesso em 24 de maio de 2016.

⁵² Informação disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/de-estudante-de-odontologia-terrorista-do-ei-18480789>>. Acesso em 28 de junho de 2016.

⁵³ Declaração feita por Reginaldo Nasser, professor de Relações Internacionais da PUC-SP e especialista em terrorismo e Oriente Médio, para o Dossiê Superinteressante – A era do terror, de março de 2016, página 41.

exemplo: por que um terrorista andaria com um passaporte comprovando sua origem e identidade? Estando ali estrategicamente ou não, a verdade é que o boato gerou consequências pelo mundo. Nos Estados Unidos, a histeria chegou ao ponto de fazer um dos mais fortes candidatos à presidência, Donald Trump, propor um registro obrigatório de muçulmanos no país para que pudessem ser monitorados. O presidente Barack Obama fez uma declaração dizendo que a atitude apenas serviria para deixar o Estado Islâmico mais forte. Com a rejeição instaurada direta e indiretamente, o Estado Islâmico parece pretender manter refugiados sufocados no terror de suas terras-natal.

O Estado Islâmico quer ser o verdadeiro líder de mais de um bilhão de muçulmanos em todo o mundo, que rejeitam suas ideias malucas. Essa é a propaganda, é assim que eles recrutam as pessoas. Se cairmos na armadilha e pintarmos todos os muçulmanos com um grande e único pincel, estaremos fazendo o trabalho deles⁵⁴.

No Ocidente, essa generalização é um prato cheio para a mídia conservadora dar o rótulo de parasitas sociais aos refugiados, que pagam o preço pelo fracasso de países europeus em proteger o próprio território. Falhas essas que deixaram Bilal Hadfi, um francês de 20 anos, se explodir no *Stade de France* mesmo previamente identificado (porém não localizado) pelo governo como um radical. Acontece que para garantir que refugiados entrem na Europa de forma segura para todos, há uma demanda de tempo e técnica para investigar seus antecedentes. Algo que o grande contingente de pessoas entrando ao mesmo tempo não suporta. O jovem, apesar de nascido na França, era de origem marroquina e morava na Bélgica há vários anos. Antes de se juntar ao Estado Islâmico teria dito aos irmãos que o fazia pois na Bélgica “não tinha um lugar”⁵⁵.

Bilal Hadfi representa um outro medo: o crescente recrutamento de europeus pelo Estado Islâmico. Jovens como ele, de origem estrangeira, são muitas vezes marginalizados em países europeus e costumam ser a isca perfeita para recrutadores de grupos terroristas. Em dezembro de 2015, os Estados Unidos anunciaram que belgas, franceses e ingleses não têm mais o direito de isenção de visto para entrada no país⁵⁶. A medida foi tomada também para outros 27 países da Europa depois que o FBI (*Federal Bureau of Investigation*), unidade de

⁵⁴ Declaração retirada de matéria do site Brasil Post. Disponível no link: <http://www.brasilpost.com.br/2016/06/14/obama-critica-proposta-trump_n_10459216.html>. Acesso em 28 de junho de 2016.

⁵⁵ Informações disponíveis no link: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,mae-de-terrorista-suicida-diz-que-ele-era-uma-panela-de-pressao-na-belgica,10000002308>>. Acesso em 28 de junho de 2016.

⁵⁶ Informação disponível no link: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2015-12/eua-suspendem-isencao-de-vistos-para-38-paises-de-tres-continentes>>. Acesso em 9 de junho de 2016.

investigação do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, identificou combatentes europeus em grupos extremistas. Ainda segundo a Agência, cerca de 20% dos estrangeiros do Estado Islâmico viajaram para países como Síria e Iraque a partir de 2011, quando as atividades foram intensificadas. Em junho de 2016, Fiin “Karrigan” Andersen, jogador da ELEAGUE⁵⁷, foi impedido de competir nos Estados Unidos por ter visitado o Irã em 2012⁵⁸.

Recapitulando as generalizações perversas: 1. Refugiados podem ser terroristas; 2. A influência muçulmana pode levar jovens europeus para grupos extremistas e 3. Os costumes islâmicos são um retrocesso. Em 2013, uma pesquisa do *Pew Research Center*, dos Estados Unidos, feita em 39 países de três continentes, divulgou que mais da metade dos muçulmanos preferem a Sharia ao modelo laico ocidental⁵⁹. Conhecida como a lei islâmica, a Sharia é a base das leis oficiais de países teocráticos. São eles: Afeganistão, Arábia Saudita, Irã, Iêmen, Mauritânia e Sudão. Na prática, os códigos morais da religião são também aplicados de forma legal na Constituição, ainda que seguindo variações em cada um desses países. Extremamente intolerante no que concerne questões como o homossexualismo e adepta de punições como o apedrejamento de mulheres adúlteras, a Sharia é para o Ocidente, a ameaça de velhos traumas arcaicos em sua forma mais nítida. Ver tantos refugiados chegando é, portanto, um excelente pretexto para justificar a islamofobia.

Baseado em Spink, Alexandre (2001, p.117) explicou essa relação entre sistemas de pensamento e prática social propondo três passos. O objetivo é desmistificar as consequências dos meios de comunicação de massa na complexa formação do senso comum. Primeiro, no campo da compreensão, é preciso entender que quando se fala em “social” não se trata de um corpo homogêneo, mas sim o contrário. Esse conceito desconstrói todas as generalizações citadas anteriormente. O segundo passo, no campo da ação, está justamente ligado ao funcionamento social e a eficácia da representação social em suas implicações no campo do comportamento e da comunicação ao mesmo tempo em que contempla a recepção de informações através dos meios de comunicação de massa. Logo, quando certas correntes de pensamento são veiculadas na mídia, cada grupo irá receber e interpretar a informação de uma maneira diferente, de acordo com suas referências e/ou interesses. Por isso, o “medo dos

⁵⁷ A ELEAGUE é o maior torneio de *Counter Strike: Global Offensive* do mundo. Divididos em equipes, os jogadores disputam o prêmio de um milhão de dólares pelo melhor desempenho no jogo online.

⁵⁸ Informação disponível em: <<http://esporteinterativo.com.br/esports/karrigan-nao-jogara-a-eleague/>>. Acesso em 9 de junho de 2016.

⁵⁹ Informação disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/pesquisa-em-39-paises-mostra-que-maioria-muculmana-quer-lei-islamica-8289095#ixzz49aE1RL4V>>#. Acesso em 24 de maio de 2016.

européus” acerca das consequências do exacerbado número de refugiados entrando em seus países certamente não é um sentimento comum a todos. Enquanto alguns mantêm-se receosos sobre problemas a curto, médio e longo prazo, outros trabalham como voluntários nas fronteiras, pois estão focados nas soluções de curto prazo. O terceiro passo está no campo da consequência e consiste em entender as mudanças sociais através da representação social, considerando o pensamento social compartilhado, indivíduos e mídia. É o próximo passo para a Europa: viver de forma saudável com todas as diversidades que foram multiplicadas nos territórios.

Observa-se nesses passos o poder de influência incluso no fenômeno da comunicação e em seus cinco elementos: emissor, receptor, mensagem, código e veículo (ALEXANDRE, 2001, p. 118). Obviamente que não é um processo unilateral no qual o emissor manipula maquiavelmente o receptor. Primeiro porque, como dito anteriormente, o público não é um grupo homogêneo. E segundo porque a internet e principalmente as redes sociais criaram um sistema que potencializa a influência também entre receptores. Por meio das *hashtags* (tarjas de assunto populares no Facebook, Twitter e Instagram) um leitor ou telespectador pode ter acesso a repercussão da mensagem que recebeu e ampliar a visão que tinha sobre o mesmo conteúdo. Por exemplo, como forma de manifesto pela cobertura do processo de impeachment da presidenta afastada Dilma Roussef, a *hashtag* "#GloboGolpista" foi um dos assuntos mais comentados do Twitter no Brasil em meados de março de 2016. “Voltando à ideia da comunicação como uma rede de relações, parece que o homem moderno está ficando cada vez mais eficiente na recepção e decifração de mensagens que os antigos têm dificuldade em entender e retransmitir, com eficiência e agilidade, a outros receptores” (ALEXANDRE, 2001, p.119). Alexandre explica em seguida que essa nova postura do público gerou na mídia uma tentativa de tratamento mais pessoal, criando uma atmosfera de proximidade (ALEXANDRE, 2001, p.119).

Como provado anteriormente, por meio do acesso à internet qualquer informação pode ser colocada em dúvida e checada em outras fontes. “Nunca na história das mídias os cidadãos contribuíram tanto para a informação. Hoje, quando um jornalista publica um texto on-line, ele pode ser contestado, completado ou debatido [...]” (RAMONET, 2013, p. 86). Por isso é necessário que o público tenha fé em seu informador (CHARAUDEAU, 2006). A credibilidade gera confiança, que por sua vez gera fidelidade ao veículo. Nesse sentido, a imagem cumpre um papel determinante no processo que garante autenticidade ao produto

jornalístico. Mídia, crítica e espectadores costumam ter certa obsessão pelo alcance do real, ainda que cada um tenha uma realidade diferente. Mas quando o informador é testemunha ocular essa fé dá-se de maneira mais fácil para o público. É o que acontece no *Não Conta Lá em Casa*.

4. *Não Conta Lá em Casa*

O programa *Não Conta Lá em Casa*, exibido pelo canal de TV por assinatura Multishow entre 2009 e 2015, pode até parecer um programa de viagens, mas seus objetivos vão além. Exatamente por isso torna-se tão interessante e pertinente. Destinos conhecidos superficialmente pelo grande público são desmistificados e apresentados de forma pouco habitual. Com os bastidores à mostra, os repórteres são protagonistas de episódios de pouco mais de vinte minutos que se transformam em grandes reportagens. “Isso significa dizer que o telespectador pode [...] vivenciar o processo produtivo e até mesmo os erros de gravação e demais dilemas que norteiam o fazer jornalístico” (BORGES & PICCININ, 2015, p. 9).

O projeto tem como principais membros/apresentadores: André Fran, jornalista; Felipe UFO, economista e Michel Coeli, cineasta. Na equipe inicial estavam Leondre Campos e Bruno Pesca, no lugar de Michel. Para André Fran, o principal objetivo do programa consiste em “mostrar que alguns lugares considerados extremos eram apenas mal representados, incompreendidos, vistos com preconceito, ou mal retratados”⁶⁰. Interessados em fazer do *Não Conta Lá em Casa* um projeto de vida, viajaram durante anos para alguns dos lugares menos procurados do planeta, motivados por fazer a diferença na mídia e no lugar onde vivem.

Tudo isso apresentado por amigos. De casa, o telespectador tem a impressão de conhecer tudo junto com eles. O *Não Conta Lá em Casa* tem ares de *reality show*, diferentemente do formato tradicional em que matérias jornalísticas parecem produtos prontos, e o jornalista aparenta passar adiante uma informação que já detém. Segundo a definição da Globosat no menu do programa: “os aventureiros transformam suas experiências em outros países em matérias jornalísticas que induzem à reflexão”⁶¹. Frequentemente perguntado sobre o tipo de programa que produz, André Fran prefere definir o *Não Conta Lá em Casa* como jornalismo e *reality show*. Tudo ao mesmo tempo. Prova desse viés espontâneo são os vistos da equipe. Fugindo dos filtros, do tratamento diferenciado dado à imprensa e abertos aos imprevistos, os pedidos de visto eram sempre para turismo⁶². O mesmo Fran, inclusive, deu indício anos antes de que esse era o procedimento, quando pouco antes de tentar a entrada na Faixa de Gaza (na sexta temporada), disse: “Só para a gente ficar

⁶⁰ Informação concedida em entrevista à autora, por e-mail, em 14 de maio de 2016.

⁶¹ Disponível em: < <http://globosatplay.globo.com/multishow/nao-conta-la-em-casa/>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

⁶² Informações concedidas por André Fran em palestra do TEDxLaçador de Porto Alegre, realizado em maio de 2015. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=VV1VwQebwIs>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

ligado, a história aqui é para a gente falar a verdade, é para falar que a gente tem um programa"⁶³.

A iniciativa surgiu em 2004, após Felipe e André fazerem uma viagem pela Indonésia. Surfistas e amigos desde a infância, foram ao país de forma despreziosa. Mas apenas três dias depois da volta ao Brasil, acompanharam pela televisão um dos maiores desastres naturais da história. Um terremoto que desencadeou um tsunami e matou 250 mil pessoas. Destas, 94 mil estavam na Indonésia. O país abrigou a região mais afetada pelo tsunami: o vilarejo de Banda Aceh. Incomodados com a cobertura da mídia da época, que priorizou os territórios turísticos atingidos, os dois tiveram a ideia de produzir um documentário com uma visão, segundo eles, mais honesta e humana dos fatos. Sem qualquer experiência anterior na área audiovisual, voltaram para a Indonésia e viram de perto os efeitos da catástrofe na população local. *Indo.doc*, como foi chamado, ficou pronto apenas em 2006, chegando a ser exibido nos canais SporTv, Brasil e em alguns cinemas. Envolvido com os resultados daquele projeto, André Fran logo percebeu o quanto tudo aquilo tinha potencial para ser algo muito maior:

Mais do que um projeto audiovisual, de viagens ou aventuras, queríamos criar algo que ultrapassasse fronteiras, rompesse barreiras e sintetizasse nossos maiores desejos e aspirações. [...] A inquietação despertada com essa nossa primeira experiência foi muito além do mero projeto bem realizado. Tocava fundo em nossa alma o desejo de conhecer outras realidades, apresentar novas culturas e nos envolver diretamente com o objeto de nosso trabalho, que nada mais é que esse vasto planeta onde vivemos e seus confusos habitantes (PIRES, 2013, p. 10).

O contexto era de franca expansão para os canais de TV por assinatura. De 1994 a 2000, o aumento do número de assinantes foi de 750%, segundo dados da Associação Brasileira de Televisão por assinatura (ABTA). Ou seja, com todo esse crescimento e uma segmentação cada vez maior dos canais novos (notícias, filmes, infantil, variedades etc.), o mercado abria-se para novas ideias. Além disso, um programa de TV é mais ágil e dinâmico do que um documentário. Dispostos a colocar diversos outros destinos problemáticos no

⁶³ A frase faz parte de diálogo exibido no quinto episódio da sexta temporada: "Faixa de Gaza". Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/multishow/v/3943578/>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

roteiro, André, Felipe, Bruno e Leondre levaram a proposta ao Multishow⁶⁴. Desde então, foram oito temporadas envolvendo as mais diferentes causas.

A primeira temporada abordou o chamado "eixo do mal", definido pelo ex-presidente americano George W. Bush como as principais ameaças aos Estados Unidos. São eles: Mianmar, Coreia do Norte, Irã e Iraque. O Afeganistão, que também estava no roteiro, ficou para a segunda temporada por motivos de segurança. Fran, UFO, Leo, Pesca e Bruno, como são chamados no programa, produziram quinze episódios. Provando que o olhar sobre o outro é um tema repleto de surpresas, ao apresentarem-se como brasileiros e cariocas a um taxista no Iraque, recebem de volta indagações sobre a segurança do Rio de Janeiro. Como cidadãos abastecidos constantemente por notícias sobre guerras envolvendo o país, é surpreendente ver que na verdade eles é que acham o Brasil um lugar perigoso⁶⁵. E era só o começo.

A segunda temporada trouxe o debate ambiental e apresentou em seu primeiro episódio as repercussões da Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, a COP 15 Copenhague, que aconteceu em 2009 a fim de discutir as ameaças do aquecimento global ao planeta. A viagem seguinte foi uma consequência das descobertas feitas na Dinamarca. Os quatro amigos decidiram conhecer Tuvalu, uma ilha-nação da Oceania que pode sumir do mapa caso o derretimento das geleiras continue aumentando a maré no mesmo ritmo. De lá, a jornada seguiu para Etiópia (onde, por acaso, entraram em uma sessão de exorcismo), Djibuti e Somália, e por fim, o polêmico Afeganistão.

Tantas situações de perigo os levaram a realizar, na Itália, um curso de sobrevivência para situações extremas a fim de encarar a terceira temporada com mais segurança. De lá eles retornaram à Indonésia, cinco anos depois do tsunami que mudou a história de suas vidas. Nos 25 episódios da temporada, foram divididos com os telespectadores outros temas, como a história da conturbada região dos balcãs e da Bósnia antes da guerra. Sérvia e Timor Leste também estiveram no roteiro.

Já a quarta temporada abordou, dentre outros assuntos, as consequências do terremoto que devastou o norte do Japão em 2011; a história política de Cuba; os efeitos do terremoto que assolou o Haiti e as lembranças do comunismo na Rússia. A aventura prosseguiu ainda com Daguestão, Chechênia, Ossétia do Norte, Beslan, Ossétia do Sul, Abcásia e Hiroshima.

⁶⁴ Informações concedidas por Felipe Ufo em palestra do TEDxLaçador de Porto Alegre, realizado em maio de 2015. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=VV1VwQebwIs>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

⁶⁵ Informação concedida em palestra realizada na PUC-Rio, no dia 12 de maio de 2016.

Apenas lendo os nomes desses lugares identifica-se uma função social importante do programa. Qual a porcentagem de telespectadores que já tinha ouvido falar em Ossétia do Norte e Abcásia, por exemplo? Certamente o *Não Conta Lá em Casa* foi bastante eficiente no seu projeto de mostrar a pluralidade do mundo na televisão.

A quinta temporada teve início com as ilhas Malvinas, 30 anos depois da guerra entre argentinos e ingleses. A escolha desse destino distancia o projeto de um programa jornalístico. Dispostos a entender as questões por trás das terras mais inóspitas do planeta, eles querem mais do que passar o número de mortos de uma tragédia. As ilhas não estavam mais em guerra há 30 anos (era difícil enxergar um gancho ali), mas o clima de paz escondia as minas terrestres deixadas pelos argentinos durante o conflito. A vontade de contar a história levou a equipe, durante oito temporadas, a se envolver em missões humanitárias e a expor os bastidores, distanciando-se do conceito de repórteres de guerra e aproximando-se da imagem do “repórter-herói”.

Os detalhes e particularidades de cada destino dão aos episódios um toque de realismo e honestidade. Na passagem pelas Malvinas, por exemplo, Leo passa no mercado e compra um casaco mais quente, pois a temperatura do lugar estaria mais fria que suas previsões⁶⁶. Unindo história, geografia, política, economia, dentre outras matérias, a temporada seguiu por Chernobyl, Tunísia e Egito. Nesses dois últimos buscaram entender a Primavera Árabe como fenômeno político e social. Inconscientemente, eles fizeram a introdução daquilo que, em sua máxima consequência, levou ao tema da última temporada: a crise dos refugiados

Com a crítica entranhada nos relatos, o mundo apresentado pelo *Não Conta Lá em Casa* ficou menos "preto e branco", conforme os objetivos do grupo⁶⁷. Decididos a desconstruir conceitos e desmistificar culturas, a equipe chegou a Israel na sexta temporada com Fran, UFO e Michel Coeli depois da saída de Bruno Pesca e Leondre Campos. Na problemática região da Palestina, participaram de uma manifestação semanal da resistência palestina e se viram no meio de um confronto entre manifestantes e exército. Impedidos de completar a missão com a visita à Faixa de Gaza, terminaram a temporada com a promessa da volta.

⁶⁶ Disponível em: < <http://globosatplay.globo.com/multishow/v/2021003/>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

⁶⁷ Informação concedida por André Fran em palestra do TEDxLaçador de Porto Alegre, realizado em maio de 2015. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=VV1VwQebwIs>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

Mais uma vez com a questão ambiental em pauta, a sétima temporada chegou às Ilhas Faroé, território dependente da Dinamarca, onde estava em discussão a pesca das baleias. Ativistas e baleeiros tiveram voz nos episódios que se seguiram. Na Islândia, o tema foi o vulcão Bardarbunga e na Ucrânia, que fechou a temporada, o conflito da região da Crimeia.

Fran, UFO e Michel não estão isentos da notícia, não são neutros e não estão distantes de seus relatos. Na verdade, eles estão longe de ser um exemplo para os manuais tradicionais de jornalismo. Segundo Traquina (*apud* BORGES & PICCININ, 2015, p. 3), ao jornalista caberia o relato objetivo dos fatos, deixando para as fontes a parte opinativa. No entanto, para Fran, principalmente os jovens “estão cansados de receber esse conteúdo em formato tradicional, com jornalistas assépticos reportando distantes física e emocionalmente do alvo de suas matérias. Os bastidores, o formato, a narrativa... tudo isso dentro do *Não Conta Lá em Casa* aproxima o espectador e deixa ainda mais evidente a relação de interesse verdadeiro com os temas abordados”⁶⁸.

O modelo que exalta a neutralidade, isenção, imparcialidade e objetividade ainda é presença forte na mídia tradicional. Porém, em um fenômeno que Borges & Piccinin chamaram de a "emergência do 'eu'" (2015, p. 3), se observou que alguns programas promoveram mudanças significativas ao expor os processos de produção da reportagem. A partir do momento em que o jornalista aparece buscando a notícia e não só quando seu trabalho está pronto, ele pode ser observado nos meios que utiliza para alcançar seus objetivos e o material passa de isento e neutro para algo extremamente pessoal. Além disso, quando o trabalho do "eu repórter" emerge, exibindo os caminhos que percorre, o resultado final ganha outros significados.

Conforme dito anteriormente, no quinto episódio da sexta temporada (“Faixa de Gaza”), Fran, UFO e Michel, não conseguem entrar na Faixa de Gaza, mas ainda assim a região ganha um episódio inteiro. Isso porque a viagem foi mostrada desde o momento em que Michel comenta sobre sua expectativa e toda a importância daquele destino para o programa, passando pelo momento em que trocam e-mails pedindo autorização e conferindo passaportes, até serem barrados na fronteira⁶⁹. É uma relação honesta com o público, que passa a saber porque não conseguiram filmar em Gaza, e proveitosa para a imagem do programa, já que todo o esforço é filmado. Quando Michel fala sobre sua ansiedade para

⁶⁸ Informação concedida em entrevista à autora.

⁶⁹ Episódio disponível em: < <http://globosatplay.globo.com/multishow/v/3943578/>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

conhecer a faixa de Gaza, é o seu sentimento que está sendo apresentado ali. De um modo geral, a equipe não tem receio em usar adjetivos.

Por este viés, a identidade da instituição jornalística ingressa, aos poucos, em um caminho que privilegia antes o que a princípio se trataria dos bastidores, do que apenas o conteúdo factual. Logo, o desafio, que desde o fim do século XIX era fazer apenas a mediação e se firmar como testemunho imparcial da ocorrência, muda a fim de externar o processo de produção que sempre "esteve do lado de fora", distante do público. Essa estratégia coloca o telespectador a vivenciar os dilemas das produções ao mesmo tempo em que o aproxima de uma realidade até então jamais antes publicizada (BORGES & PICCININ, 2015, p. 4).

É sabido que um telejornal tradicional possui estrutura rígida: “[...] o telejornal consiste de tomadas em primeiro plano enfocando pessoas que falam diretamente para a câmera (posição *stand-up*), sejam elas jornalistas ou protagonistas [...]” (MACHADO, 2000, p.104). Mas, apesar de também ser informativo, no *Não Conta Lá em Casa*, o posicionamento dos apresentadores diante da câmera evidencia a intenção de expor os bastidores. Raramente falam olhando para a câmera, e quando isso acontece, geralmente, é porque há uma conversa entre aquele que está filmando e um dos outros apresentadores. Na maior parte do tempo os integrantes aparecem conversando entre si ou com outras pessoas enquanto o telespectador assiste exatamente como alguém que está ali entre eles. O recurso é um fator positivo na narrativa de assuntos aos quais o público pode não estar familiarizado. Assim, as explicações podem acontecer sem que pareça algo didático demais, o que colocaria o repórter na posição de "professor" e o telespectador como um "aluno".

No décimo episódio da quinta temporada (“Tunísia 1”), de forma bastante espontânea e no meio de uma conversa na mesa de um restaurante, Leondre pergunta a Pesca sobre a Primavera Árabe e ele o responde, ainda que sucintamente. Naquele momento a explicação era também para o público, que estaria sendo introduzido ao destino seguinte: a Tunísia⁷⁰. Importante ressaltar que, ainda assim, o programa não dispensa a narração, que entra em alguns momentos cruciais para ambientação do telespectador na ordem dos acontecimentos da viagem ou para maiores explicações sobre o contexto histórico de um lugar. Essa, aliás, é outra característica importante. Com filmagens em aviões, traslados e hotéis, a edição do

⁷⁰ Episódio disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/multishow/v/2121681/>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

programa passa a impressão de que tudo que aconteceu na viagem está sendo mostrado. Na maioria das vezes esses trechos são usados como introdução do destino seguinte (assim como no caso do restaurante) ou para expor os dilemas e preparativos que envolvem uma viagem no *Não Conta Lá em Casa*.

5. A informação e o hibridismo de gêneros televisivos

Segundo Charaudeau (2006) informar é um serviço prestado à democracia. Quando um informador traz a público um fato, ele está agindo a favor da cidadania. Ainda assim, um canal de televisão, um jornal, ou uma revista continuam sendo empresas. Serrano (2013) lembra que em sociedades democráticas, a mídia tem forte participação na formação da opinião pública, na medida em que está o tempo todo submetida ao investimento de outras empresas interessadas em influenciar o comportamento do consumidor. Dependentes de grandes anunciantes, os grandes meios ficam nas mãos do “poder do dinheiro”. Radical, o autor chegou a afirmar que “esses grupos de comunicação que tanto reivindicam a liberdade de imprensa e se apresentam como os defensores e baluartes da democracia não estão preocupados nem com a verdade, nem com a democracia [...]” (SERRANO, 2013, p. 74). O que não dá para discordar, entretanto, é que o jornalismo como atividade remunerada precisa de recursos para se manter e se diferenciar diante da concorrência. Para isso precisa também ser atrativo para o seu público. Ser sedutor ao público, porém, nem sempre coexiste ao requisito da credibilidade. Ramonet chamou esse fenômeno de “crise habitual”. Segundo ele, o problema acontece “devido ao forte vínculo que muitos deles (jornalistas) mantêm com o poder econômico e político, suscitando uma desconfiança geral no público” (2013, p. 86).

A mídia é incansável no uso de sensacionalismo como recurso comercial para prender a audiência e isso não é nenhuma novidade. Pelos diversos sucessos do gênero, a televisão acabou por ficar marcada por programas julgados como fúteis ou apelativos. Ainda que não sejam todos iguais, *reality shows*, novelas e programas de auditório são geralmente vistos assim. A verdade é que a sociedade está imersa nos ideais do consumo. Até mesmo as favelas foram transformadas em Safari para vender ingressos a turistas. Não seria o jornalismo que sairia ileso. “Revistas de fofocas, tabloides e até a chamada grande mídia estão entorpecidas pela busca de audiência e dos patrocinadores” (PENA, 2013, p.13).

Como bem observou Arlindo Machado (2003), a televisão não está imune à banalidade, assim como também não estão outras formas de produção intelectual. Prova disso são as livrarias transformadas em “supermercados da cultura” (MACHADO, 2003), repletas de *best sellers* e livros de autoajuda. No cinema não é diferente. A chamada sétima arte está cheia de *blockbusters hollywoodianos*. Entretanto, se assumir como um apreciador do cinema e da literatura soa muito mais sofisticado.

É necessário admitir as pressões econômicas envolvidas no jogo. Ao se “esvaziar” o conteúdo “afastam-se as informações pertinentes que deveria possuir o cidadão para exercer seus direitos democráticos” (BOURDIEU, 1997, p.24). Neste movimento, o jornalista afasta a informação de seu dever junto a democracia, conforme exposta a proposta de Charaudeau no início do capítulo. Dito isto, reconhecer que a televisão precisa de recursos para continuar produzindo não quer dizer que o olhar sobre o meio deva ser conformista. O trabalho do jornalista passa a ser encontrar alternativas que levem em consideração o anseio pelo entretenimento e a imprescindibilidade da informação. Ainda com grande potencial de infraestrutura e patrocínio, a televisão muitas vezes pode ter o lado crítico ameaçado por contratos publicitários, mas é preciso olhar com otimismo suas possibilidades.

A TV é uma instituição social, pública ou privada, e uma indústria cultural, bem como um dispositivo de geração e distribuição de imagens, informação e publicidade, o que a faz um instrumento de mercado altamente cobiçado, tanto que continua a ser o meio de maior investimento publicitário [...] O que significa que a TV, até agora, permanece como um dos principais jogadores no campo em que será definido o futuro das telecomunicações no mundo (OROZCO, 2014, p. 97).

Dentre os diversos gêneros oferecidos por esse meio, os programas de viagens são velhos conhecidos do grande público. O canal de TV por assinatura Multishow, que exibiu o *Não Conta Lá em Casa* entre 2009 e 2015⁷¹, hoje tem três atrações do gênero na grade. São eles: *Anota Aí*, *Lugar Incomum* e *Vai pra onde?*. Todas produções brasileiras. Entretanto, o modelo que fez a equipe de apresentadores buscar grandes causas da humanidade, traz uma profundidade que outros programas de viagens não foram capazes de alcançar. Isso porque a abordagem precisa fazer o telespectador entender quais são os motivos que tornam complicadas as regiões visitadas.

Em seu estudo sobre programas de viagens do canal *Discovery Communication International*, Fürsich (1999) indicou uma narrativa que trata as diferenças culturais como mercadoria em detrimento dos "problemas econômicos, políticos e sociais mais amplos do turismo contemporâneo e das relações internacionais em geral" (FÜRSICH, 1999, p.54). Diante desse cenário, o ponto crucial que separa o *Não Conta Lá em Casa* do padrão conhecido como programa de viagens está no olhar político e nas questões por trás das

⁷¹ Atualmente os envolvidos no projeto produzem um programa com os mesmos moldes chamado "Que Mundo é Esse?", exibido pelo canal GloboNews.

escolhas dos destinos. Ao não *exotizar* as realidades que por si só já nos parecem extraordinárias, os episódios ganham um potencial informativo que vai além do passatempo. Sendo assim, se não se parece com um programa de viagens, muito menos poderá se encaixar como jornalismo internacional, que no atual cenário brasileiro vive muito mais do trabalho das agências internacionais do que do "ver para crer". Ainda segundo Fürsich, a superficialidade atribuída aos programas de viagens (produzidos apenas como entretenimento) acontece por três motivos principais:

1) [...] Os estrangeiros são sempre retratados como outros. As produções midiáticas globais frequentemente miram apenas elites cosmopolitas ricas; assim, a diversidade transnacional é produzida como uma celebração higienizada da cultura, mas que carece de abordagens críticas sobre desigualdades políticas, culturais e econômicas; 2) as rotinas de trabalho intrínsecas e tradicionais de jornalistas, produtores e outros trabalhadores da mídia, que foram desenvolvidas ao longo dos séculos, apenas recentemente foram desafiadas em suas possibilidades de representar a diversidade; mesmo postulados de mídia em um modelo de responsabilidade social (a partir do serviço público de mídia) ou esforços pela construção da nação no desenvolvimento dos sistemas midiáticos permitem que a mídia funcione, principalmente, como força de integração e assimilação e menos como apresentadora de diversidades múltiplas; 3) a relação entre mídia, governos e elite é uma outra questão a se considerar. Essa relação é sempre ligada a sistemas autoritários e frequentemente em desenvolvimento, mas fica claro que mesmo os jornalistas nos sistemas midiáticos ocidentais estão ficando próximos da política exterior oficial ao descrever o Outro (FÜRSICH, 1999, p.55)

Uma das soluções levantadas pela autora consiste em uma transmissão mais transparente, na qual o telespectador toma conhecimento do processo de escolha de destinos e fontes. Fürsich cita os blogs como uma alternativa. No caso do *Não Conta Lá em Casa* esse é um processo mostrado dentro dos próprios episódios que vão ao ar na televisão, garantindo uma proximidade que o público se acostumou a ter com as redes sociais. Fica claro que este é um bom momento para o jornalismo em televisão explorar mais essa proximidade e aproveitar dos recursos dos quais dispõe para fazer isso de forma profissional. O *Não Conta Lá em Casa* é a prova de que é possível montar um modelo informal, ainda que isso não signifique que os assuntos não sejam tratados com seriedade, e informativo. Cabem aos envolvidos pela produção de televisão explorar o formato para outros âmbitos que não só o de viagens.

Há dez anos no ar, o "Profissão Repórter", comandado pelo jornalista Caco Barcellos, é um bom exemplo de que o modelo pode dar certo também na TV aberta. Em sua

participação no 11º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo, realizado entre 23 e 25 de junho de 2016, Barcellos definiu o modelo de reportagem de seu programa como “puro e artesanal”. Ainda segundo ele, neste tipo de programa, o produto que vai ao ar “tem a cara do repórter que fez”⁷².

A espontaneidade acrescenta ainda mais um gênero na qual o *Não Conta Lá em Casa* se encaixa: o *reality show*. Partindo dessa premissa, tudo que acontece durante a viagem pode ser filmado e aproveitado para a montagem dos episódios.

Essa construção do real que se pretende autêntico altera os limites do que até então era considerado público e privado. Ora, se por muito tempo os erros de gravação e demais contratempos para concretizar uma reportagem eram ocultos da programação televisiva, no jornalismo contemporâneo esse desvelamento se torna atração, pois concede a sensação de transparência ao telespectador [...] Embora a objetividade continue sendo uma baliza da prática jornalística de televisão, é importante compreender quais fatores contribuíram para que a atividade passasse por esta complexificação. Através da afirmação de que a comunicação é um reflexo do que ocorre na sociedade, Sodré (2009) destaca que o desenvolvimento tecnológico estimulou a busca da transparência e da visibilidade absoluta pelos media buscando desfazer, portanto, a dicotomia público-privado e produzindo novas experiências societárias. Por conta disso, pode-se observar que as narrativas no telejornal começam a “suspender” o encobrimento dos processos produtivos, visto que os próprios telespectadores passaram a exigir uma realidade mais evidente e mais próxima (BORGES & PICCININ, 2015, p. 5).

O desenvolvimento tecnológico também trouxe outra consequência: a informalidade dos meios de comunicação. Mais um recurso aproveitado pelo *Não Conta Lá em Casa*. Quer dizer, já faz tempo que informar não é um privilégio exclusivo das mídias tradicionais: “o novo dispositivo tecnológico faz com que cada cidadão deixe de ser só o receptor da informação” (RAMONET, 2013, p. 85). Os blogs e celulares permitiram que o poder de transmitir informação rapidamente e para um grande número de pessoas estivesse nas mãos de uma grande parte da sociedade. Esse movimento conferiu uma informalidade que se opôs ao modelo “Jornal Nacional”. A Rede Globo, inclusive, passou a exibir o “G1 em 1 minuto”, curtas passagens jornalísticas sem horário fixo que entram aleatoriamente durante a programação. Os apresentadores do “G1 em 1 minuto” costumam agir de forma descontraída e muitas vezes aparecem com camisas estampadas inspiradas em ícones pop.

A busca pelo *hard news* não é exatamente uma prioridade para o *Não Conta Lá em Casa*. As edições trabalhosas (já que até os bastidores são considerados na construção dos

⁷² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IDX6vKNMZ0I>>. Acesso em 24 de junho de 2016.

episódios) e as viagens para lugares muitas vezes sem estrutura, impossibilitariam um programa mais ágil. As pautas ora são atuais como no caso da COP 15 e da temporada sobre refugiados e ora são mais frias, tratando de conjunturas políticas mais “crônicas”, como a temporada sobre os conflitos entre Israel e Palestina e o episódio sobre a Coreia do Norte. Mas sempre são apresentados episódios temáticos. A estrutura está bem longe formato de um telejornal⁷³. Ainda assim, e principalmente por seu viés informativo, o programa será interpretado por seu potencial jornalístico.

Embora não esteja visível de forma escancarada, o *Não Conta Lá em Casa* pode ser também um exemplo de Jornalismo Literário⁷⁴ aplicado em plataforma audiovisual. Essa inspiração foi lembrada pelo próprio André Fran, quando citou Truman Capote e Gay Talese como influenciadores do seu trabalho⁷⁵. Nesse modelo, “em vez de recuar para uma posição aparentemente segura do jornalismo objetivo, [...] os jornalistas devam abraçar ativamente seu papel 'no meio'" (FÜRSICH, 1999, p.59). Felipe Pena, em seu livro “Jornalismo Literário”, definiu a escolha por esse caminho como um algo a mais. Ou seja, além daquilo que já é ofertado no jornalismo tradicional.

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2013, p.13)

Quando os integrantes do *Não Conta Lá em Casa* decidiram visitar países desconhecidos pelo grande público, estavam “ultrapassando os limites dos acontecimentos cotidianos”. No momento em que visitaram países como Coreia do Norte e Irã para mostrar que eram apenas lugares mal representados e vistos de forma preconceituosa, estavam “proporcionando visões amplas da realidade”. Quando foram voluntários por alguns dias (na oitava temporada, sobre a crise dos refugiados), Fran, Michel e UFO estavam “exercendo plenamente a cidadania”. Já em 2011, em um episódio sobre as consequências do tsunami no

⁷³ Segundo Arlindo Machado (2000, p. 104), “o telejornal é, antes de mais nada, o **lugar** onde se dão atos de enunciação a respeito dos eventos” (grifo da autora). No caso do *Não Conta Lá em Casa*, não há nem mesmo estúdio.

⁷⁴ O termo Jornalismo Literário será entendido como equivalente ao *New Journalism*, iniciado nas redações americanas por volta da década de 1960. Indo na contramão da imprensa objetiva, sua principal característica é “misturar a narrativa jornalística com a literária” (CAJAZEIRA, 2010, p.72). Dentre os principais expoentes estão: Tom Wolfe, Norman Mailer, Truman Capote e Gay Talese.

⁷⁵ Informação concedida em entrevista à autora, por e-mail, em 14 de maio de 2016.

Japão⁷⁶, optaram por usar os primeiros minutos para falar das aventuras em outras temporadas e das experiências que os levaram à escolha daquele destino. Eles estavam então, “rompendo as correntes burocráticas do *lead*”. Da mesma maneira, os definidores primários, ou fontes oficiais (governadores, ministros, advogados, psicólogos etc.), que costumam ser os legitimadores do discurso do jornalismo diário, muito raramente são utilizados no *Não Conta Lá em Casa*, salvo raras exceções como o caso da Coreia do Norte, em que foi obrigatória a companhia de dois representantes do governo na viagem. Tudo isso, garantiu, durante as oito temporadas, a perenidade e profundidade dos relatos. Por esses motivos, portanto, o programa encaixa-se como um representante do jornalismo literário na televisão. As palavras de Pena, não por coincidência, lembram muito a declaração de Fran sobre a função social do programa.

A gente costuma dizer que o NCLC, e todos nossos outros projetos, antes de ser um projeto de trabalho é um projeto de vida. Ele surgiu de nosso interesse real em conhecer algumas das grandes causas da humanidade e do objetivo de tentar menos que minimamente fazer uma diferença. Entrar em contato com essas questões, dar voz a causas importantes e incentivar as pessoas a tentarem questionar e atuar nas injustiças de nosso mundo⁷⁷.

Assumir esse hibridismo de gêneros é reconhecer a riqueza da televisão como um meio de comunicação. “A TV é constituída por uma particular combinação de linguagens, um conjunto de formatos que encaixam de certas maneiras as suas narrativas, uma fonte quase inesgotável de histórias, algumas com pretensão de ser reais, outras apenas ficção, tudo isso ao mesmo tempo [...]” (OROZCO, 2014, p.97). Além disso, limitar o *Não Conta Lá em Casa* em um único gênero significaria limitar um campo de pesquisa que se mostrou amplo e rico em suas possibilidades.

Pensar a maneira como a televisão apresenta seu produto também coopera para o tipo de sensibilidade que um projeto como o *Não Conta Lá em Casa* carrega. Um jornal, tanto impresso quanto online, é lido individualmente e no tempo do público. Já a TV, assim como o rádio, ao transmitir um programa em um horário específico “produz, com isso, um sentido de ‘estar com’ que se manifesta pela co-presença que a similaridade da programação (todos vendo a mesma coisa) e a simultaneidade da transmissão (ao mesmo tempo) propiciam” (FECHINE, 2007, p. 189).

⁷⁶ Trata-se do primeiro episódio da quarta temporada: Japão 1. Na sequência vieram mais cinco episódios sobre o país. Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/multishow/v/2064547/>>. Acesso em 17 de maio de 2016.

⁷⁷ Informação concedida em entrevista à autora, por e-mail, em 14 de maio de 2016.

A televisão vive. Em 2013 os telespectadores estavam gastando, em média, cinco horas e 45 minutos por dia com televisão, segundo o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE). Um tempo bastante longo. O que mudou foi a maneira como é usada pelo público. Em pesquisa de 2015, o mesmo Instituto concluiu que 88% dos internautas assistem TV e navegam na internet ao mesmo tempo. Esse dado traz um novo obstáculo para o meio. Se quiser engajamento, a televisão vai ter que brigar não só pelo tempo, um quesito problemático para as emissoras, mas também pela atenção do seu público, que está mais disperso do que nunca. Até porque, ainda segundo a pesquisa, 18% dos entrevistados “dizem que a TV não é interessante o suficiente para ter toda a sua atenção”⁷⁸. Por isso, é preciso considerar que o ato de ligar a televisão nem sempre demonstra um interesse real na programação. Muitas vezes o telespectador apenas deixa o aparelho ligado enquanto se concentra em outras atividades. É mais um desafio na função de manter o público-alvo entretido.

Dentre todas as dificuldades, o furo jornalístico é um trunfo cada vez mais raro. Trata-se então de usar os recursos para a forma dada ao conteúdo. Ou seja, buscar a atenção e o interesse do receptor pelo modo com que o interlocutor lida com a informação. Para Marcos Alexandre, “a preocupação não é mais com o que é comunicado, mas sim com a maneira com que se comunica e com o significado que a comunicação tem para o ser humano” (2001, p. 112). Quando o *Não Conta Lá em Casa* vai atrás dos refugiados e conta essa história misturando jornalismo literário, documentário e *reality show*, o efeito produzido tem um resultado completamente diferente de quando a mesma informação é tratada em um noticiário tradicional. Isto é, “informação e linguagem são conceitos com profunda relação entre si” (CHARAUDEAU, 2006).

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de *estratégias discursivas* (CHARAUDEAU, 2006, p. 39).

Por fim, a democratização da internet pode até ter feito o jornal impresso perder sua soberania, mas esse mesmo processo abriu um leque de infinitas possibilidades para o futuro do jornalismo. O *Não Conta Lá em Casa* é uma delas.

⁷⁸ Informações e trecho disponível em: <<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/88-dos-internautas-brasileiros-assistem-tv-e-navegam-na-internet-ao-mesmo-tempo/>>. Acesso em 9 de maio de 2016.

6. *Não Conta Lá em Casa* e suas reflexões sobre a crise

Os acontecimentos no Oriente Médio são em sua maioria demasiadamente profundos para o público do Ocidente. Isto é, o que vira notícia costuma envolver questões às quais o público não é íntimo, tais como os costumes do islamismo e a ameaça do terrorismo, sendo esse item cada vez mais presente. Esse distanciamento, porém, só reforça a posição “nós x eles” (SAID, 2007) que coloca o outro no lugar de exótico. Com a crise civilizatória e notícias sobre os refugiados palpitando em todo o mundo, nada mais atual do que os seis episódios da oitava temporada do programa. E quando Fran, UFO e Michel partem para a Europa para ver de perto essa situação, o interesse real por aquelas histórias e seus personagens derruba aquela antiga ideia do “nós x eles”.

O primeiro episódio (“Hungria”)⁷⁹ começa na Hungria com um relato emocionante de fotos e dados sobre a crise dos refugiados. Felipe UFO explica que a ideia inicial não era ir para a Europa, mas diante de tanta comoção e a repercussão mundial acerca do problema, foi inevitável não mudar tudo. As grandes causas da humanidade sempre moveram o *Não Conta Lá em Casa*. Com a temática dos refugiados não foi diferente.

A Hungria passou a receber um número cada vez maior de cidadãos do Iraque, Afeganistão, Somália e Síria, que sem nenhuma perspectiva em seus países de origem, dão tudo o que têm para conseguir chegar na Europa e ter uma vida mais digna. O problema começa quando os governos desses países começam a saturar e, alegando não ter condições de manter tantos novos refugiados, começam a dificultar essa entrada. O curioso dessa temporada é observar que o programa que costumava mostrar as nações que geraram esse problema agora se virava para as consequências de tanta guerra nos territórios do chamado "primeiro-mundo". Agora a reflexão passa justamente sobre este ponto: O problema é de quem? Dos países-origem? Dos países-destino que frequentemente alegam falta de estrutura, criando obstáculos à sobrevivência dessas pessoas? Seria isso desumano ou realista? E qual é a responsabilidade do cidadão comum europeu em uma época dessas? Ajudar no agora ou discutir até onde vai esse problema? O que os refugiados sírios, por exemplo, têm a ver com os problemas políticos de Bashar Hafez al-Assad, atual presidente do país? Qual é o preço da liberdade?

A equipe encontrou-se com a jornalista brasileira Rafaela Carvalho, que estava lá quando começou a chegada em massa de refugiados, no segundo semestre de 2015. Foi

⁷⁹ Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/multishow/v/4618099/>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

quando a estação de Keleti, em Budapeste, abarrotou-se de barracas, colchões e crianças que brincavam para passar o tempo. A intenção não era permanecer ali, mas pegar o trem e partir para países como Áustria e Alemanha, por exemplo⁸⁰. A rota começava na Grécia, passando por Macedônia, Sérvia e aí então chegavam a Hungria. Obviamente que nenhum desses países quis abrigar tantos refugiados de uma hora para outra. Acontece que, na condição de refugiado, quando se alcança um país seguro, é necessário registrar-se e permanecer até que haja condição de retorno (ver capítulo 2.2). Viktor Orbán, primeiro-ministro húngaro, começou a exigir que a regra fosse cumprida sob a condição de manda-los de volta caso não fizessem o registro. Ao mesmo tempo, porém, nem a Hungria queria manter os refugiados nem os refugiados queriam permanecer no país. Fechou-se o cerco para novos imigrantes e muitos dos que lá estavam decidiram ir a pé para Áustria e Alemanha⁸¹.

Todos que podem - sair do país não é tarefa simples nem barata - seguem o fluxo da fuga. Cidadãos sem outras perspectivas partem de suas terras sem esperança. Mas não partem para estudar ou para conseguir um emprego, como é o caso de muitos emigrantes. Segundo o Escritório Federal de Imigração e Refugiados, 78% dos sírios que chegaram à Alemanha entre janeiro de 2013 e setembro de 2014 pertenciam às classes médias ou altas, tendo inclusive, em muitos casos, cursado o ensino superior⁸². Acuados pela violência, largaram, principalmente no que se refere aos sírios, uma vida profissionalmente estável. As casas ficam para trás, pois os potenciais compradores sabem que serão abandonadas de qualquer forma e o dinheiro que seria recebido pela venda também é perdido⁸³. Do lado do terror, o objetivo está cumprido.

A função do terror é destroçar a individualidade humana, aniquilando a espontaneidade dos indivíduos [...] O terror comprime os homens uns contra os outros, suprimindo o espaço entre eles, que é o espaço da liberdade, e, cancelando o movimento, a possibilidade de interagir. Em outras palavras, o terror representa a total aniquilação do político (ARENDETT *apud* ORTEGA, 2000 p. 19 e 20).

⁸⁰ Informação concedida por Michel Coeli no primeiro episódio da oitava temporada: “Hungria”. Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/multishow/v/4618099/>>. Acesso em 17 de julho de 2016

⁸¹ Informação concedida por Rafaela Carvalho no primeiro episódio da oitava temporada: “Hungria”. Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/multishow/v/4618099/>>. Acesso em 17 de julho de 2016

⁸² Informação disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/09/refugiados-com-diplomas-enfrentam-nova-luta-ao-chegar-a-europa.html?TB_iframe=true&width=921.6&height=921.6>. Acesso em 17 de julho de 2016.

⁸³ Informação veiculada no documentário Síria em fuga. Direção: Eugenia Moreyra. GloboNews, 2015. Disponível em:<<http://globosatplay.globo.com/globonews/v/4673083/>>. Acesso em 14 de julho de 2016.

O choque entre um cidadão dos países-destino e o aterrorizado refugiado é inevitável. São milhões de dramas pessoais e histórias privadas de futuro. A reação da Hungria ficou marcada pelo vídeo que mostra uma jornalista húngara colocando o pé na frente de um sírio que tentava atravessar a fronteira com o filho no colo⁸⁴. Mas dentre as tantas reações possíveis está também o voluntariado. Enfrentando situações precárias de travessia e estadia, os refugiados dependem cada vez mais da boa vontade dos locais. Muitas vezes boa vontade essa que enfrenta a repressão da parte contra o acolhimento. Perguntada por Fran sobre o que a teria levado a ser voluntária, uma húngara respondeu: "Eu sou mãe. Tenho filhos [...] Eu acho que não é minha função checar qual é a intenção de ninguém [...] Nossa missão é apenas oferecer ajuda humanitária. [...] Não entro em debates no *Facebook*. Eu só faço o que tenho que fazer"⁸⁵.

Essa relação entre local e refugiado é mais um ponto problemático. Fran chegou a entrevistar um voluntário que recebia ameaças de morte do vizinho⁸⁶. É um risco que a crise dos refugiados gere outros problemas como o aumento do número de casos de xenofobia. Vindos de outras realidades, fisicamente diferentes, com outros costumes religiosos e sem perspectivas de retorno, os refugiados irão carregar para sempre o “não-pertencimento”. Seja na nova terra, por carregarem vínculos com suas tradições ou em seus países de origem, por já compartilharem símbolos não compreendidos por quem ficou. São as culturas híbridas produzindo novas identidades.

Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias 'casas' (e não a uma 'casa' particular) (HALL, 2006, p.88 e 89).

No segundo episódio (“Fronteira entre Sérvia e Croácia”)⁸⁷, UFO, Fran e Michel encararam mais de 12 horas de viagem para levar doações a um campo de refugiados na fronteira da Sérvia com a Croácia. Desde a partida, passando pela parada para recarregar o

⁸⁴ Vídeo disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=9i6uq0-uXE4>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

⁸⁵ Entrevista veiculada no primeiro episódio da oitava temporada: “Hungria”. Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/multishow/v/4618099/>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

⁸⁶ Informação veiculada no segundo episódio da oitava temporada: “Fronteira entre Sérvia e Croácia”. Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/multishow/v/4631078/>>. Acesso em 17 de maio de 2016.

⁸⁷ Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/multishow/v/4631078/>>. Acesso em 17 de maio de 2016.

celular e o momento em que conseguiram atravessar a fronteira da Hungria com todos os donativos que seriam de extrema utilidade para os refugiados, a sensação é de que toda a viagem está sendo documentada, como que numa tentativa de fazer o telespectador viajar junto.

Contar a história e fazer a diferença nessa história são objetivos que caminham juntos no *Não Conta Lá em Casa*. Talvez esteja aí o grande diferencial diante de um programa jornalístico tradicional. Em teoria, se tem a ideia de que um jornalista não pode mudar a história para contá-la. Neste caso é justamente o contrário. A singela e ao mesmo tempo ambiciosa intenção do projeto não é nada mais, nada menos que mudar o mundo (PIRES, 2013, p.11). Por exemplo, não seria estranho se ao ver um bote cheio de refugiados chegando, um repórter virasse para a câmera e gravasse uma passagem. Mas não foi o que aconteceu. Fran e UFO infiltraram-se no meio dos voluntários, entraram na água e ajudaram no desembarque dos recém-chegados enquanto Michel gravava tudo.

Nas cenas seguintes, ver o desespero dos refugiados quando chegavam as doações e o quanto aquelas barracas e cobertores ganhavam grandes significados para aquele momento, tornou todos os números dos jornais diários de repente muito humanos. Os rostos estavam ali. Enquanto isso, no entanto, os números de refugiados não param de crescer, deixando as doações sempre na condição de insuficientes. No final do episódio, diante de tanta efemeridade e refugiados em movimento o tempo todo, Fran faz uma comparação ao fato de não saberem qual vai ser o próximo destino da viagem, assim como os refugiados não sabem o que esperar de sua vida na Europa. Reforçando a espontaneidade do programa, mas deixando claro o quão dramática era a situação das pessoas que encontraram, Fran disse: "nada perto a incerteza do nosso destino quando você pensa na incerteza do destino dessas pessoas que estão aqui. Essas sim não sabem o que vai ser do futuro delas tão cedo". Antes do terceiro episódio, Fran aparece dizendo que se envolveram demais como voluntários e acabaram não fazendo muitas entrevistas no primeiro dia em um campo de refugiados.

Segundo Charaudeau (2006), a veracidade de uma informação depende de seis fatores. São eles: autenticidade, designação, verossimilhança, reconstituição, explicação e elucidação. A *autenticidade* seria de ordem ontológica. É mostrar algo com transparência e utilizando provas concretas. A forma como isso será mostrado pertence ao conceito de *designação*. No caso do *Não Conta Lá em Casa* optou-se por provar a crise dos refugiados principalmente por meio dos acampamentos, que lotados e repletos de indivíduos

desesperados provava por si só a situação problemática da temporada. Já a *verossimilhança* é o processo que valida o que é dito, porém não pode ser mostrado. Daí a necessidade do procedimento de *reconstituição*. O depoimento da jornalista Rafaela Carvalho, no primeiro episódio, ajudou a validar importantes acontecimentos que estavam em curso antes da equipe chegar à Europa. Já a *explicação* refere-se aos porquês. Por exemplo, os dados na abertura da temporada e os testemunhos dos refugiados nos acampamentos são bons apoios de explicação para o êxodo em massa. A esse recurso dá-se o nome de processo de *elucidação*.

Outra reflexão muito forte trazida por essa temporada é a questão da fronteira. Uma linha que separa a paz da guerra e tenta obrigar cidadãos sírios, afegãos, iraquianos e tantos outros a aceitarem parados suas circunstâncias. O Espaço Schengen, acordo que garantia a livre circulação em 26 países europeus, sendo 22 deles da União Europeia, foi por água abaixo com todas as linhas de controle nas fronteiras do continente⁸⁸. Mais recentemente, com a saída do Reino Unido, que já não fazia parte do acordo Schengen, da União Europeia, há também a possibilidade do grupo de países criar regras próprias restritivas a novos refugiados. O impacto da crise dos refugiados no Reino Unido foi uma das bandeiras levantadas na campanha pela saída do bloco⁸⁹.

No terceiro episódio, “Belgrado (Sérvia)”⁹⁰, filmado no dia seguinte ao dia das doações, UFO, Fran e Michel voltaram ao acampamento para tentar conversar com os refugiados e conhecer suas histórias pessoais de vida. Novamente dando prioridade à busca de personagens e desconsiderando uma possível procura por fontes oficiais. Chegando lá, entretanto, encontraram apenas um campo vazio e a evidência da dinamicidade desse processo migratório que submete as pessoas a uma sequência insana de mudanças.

Decididos a distinguir ainda mais os rostos do problema por meio de suas trajetórias individuais, foram a Opatovak, na Croácia, que abrigou um campo de refugiados oficial, isto é, armado pelo governo do país e estruturado com médicos, barracas e um número bem maior de voluntários capazes de oferecer condições ligeiramente mais razoáveis. Foi lá também que encontraram repórteres de veículos da grande mídia, provavelmente orientados por órgãos oficiais aonde ir para conhecer um campo de refugiados.

⁸⁸ Disponível em: < http://ec.europa.eu/dgs/home-affairs/elibrary/docs/schengen_brochure/schengen_brochure_dr311126_pt.pdf>. Acesso em 25 de janeiro de 2016.

⁸⁹ Informações disponíveis em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-36609225>>. Acesso em 30 de junho de 2016.

⁹⁰ Episódio disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/multishow/v/4649710/>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

Em um dos casos, um jovem viajava com o irmão após um bombardeio matar seus pais e o outro irmão. Andando há 13 dias, eles estavam eles estavam fora da Síria há 33 dias e como muitos outros também ansiavam chegar à Alemanha. Dentre tantos momentos, uma perigosa travessia de 19 horas em um barco a remo da Turquia até a Grécia. Ouvir seu relato de luta é como acreditar que essas pessoas têm alguma esperança. Mas então é nesse momento que o jovem faz um desabafo estarrecedor com uma naturalidade mais assustadora ainda: "Talvez fosse melhor morrer. Melhor morrer e pronto", ele disse⁹¹.

No quarto episódio ("Da Sérvia à Alemanha")⁹², a missão foi ir até a Alemanha e ver como estava a recepção do enorme contingente de refugiados que chegavam. Com o passaporte brasileiro, cruzaram cinco países em dez horas, percurso que os refugiados levam meses para fazer. Em Belgrado, capital da Sérvia, conheceram a alemã e voluntária Stephanie, que viajou com eles de carona de volta à Alemanha. Stephanie viu nos refugiados uma leva de mão-de-obra necessária ao país, que cada vez mais vê sua população envelhecer. Ao mesmo tempo havia, no discurso da alemã, a preocupação com a integração de culturas tão diversas em um mesmo território. A jornada para chegar às terras germânicas serão apenas o começo da luta dessas etnias por um espaço na sociedade europeia.

Em Munique, enquanto acontecia a *Oktoberfest*, um festival anual de cervejas, UFO e equipe mostravam o evento sem disfarçar o desconforto de estar em meio às comemorações depois de dias acompanhando o sofrimento dos refugiados. Na Áustria, uma manifestação organizada pelos próprios imigrantes para agradecer os austríacos pela ajuda tocou a equipe do *Não Conta Lá em Casa*. No *Facebook* o evento circulou com o nome "Obrigado Áustria".

No penúltimo episódio ("Indo para a Grécia")⁹³ a equipe viajou para a Grécia, um dos importantes pontos de entrada de refugiados. Viajando de carro, fizeram imagens impressionantes de botes e coletes abandonados nas praias gregas acusando a constante chegada por aqueles caminhos. Foi também na Grécia que eles encontraram Kelly Lynn, voluntária. Kelly contou que muitos imigrantes chegaram alegando terem sido agredidos por coites durante a travessia. O trajeto custaria entre mil e três mil euros, não podendo haver

⁹¹ Entrevista concedida no terceiro episódio da oitava temporada: "Belgrado (Sérvia)". Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/multishow/v/4649710/>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

⁹² Episódio disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/multishow/v/4664854/>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

⁹³ Episódio disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/multishow/v/4680050/>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

recusa a entrar nos lotados botes. Em mais um campo de refugiados, expuseram a organização, que dividia os que chegavam em dois grupos: sírios x outras nacionalidades.

Antes de chegarem ao campo, passaram por uma praia e confundiram algo que pensaram ser mais um bote. Ao certificarem-se de que cometeram um engano, seguiram viagem. Para a agilidade da televisão, essa cena seria facilmente cortada, a não ser que o objetivo seja justamente mostrar os caminhos e bastidores dos episódios, como é o caso do *Não Conta Lá em Casa*. Sendo assim, este tipo de cena é fundamental para a legitimação do modelo proposto. Nas palavras de Bourdieu: “Ora, o tempo é algo extremamente raro na televisão. E se minutos tão preciosos são empregados para dizer coisas tão fúteis, é que essas coisas tão fúteis são de fato muito importantes na medida em que ocultam coisas preciosas” (1997, p. 23).

No campo, a equipe mostrou algumas curiosidades, como a lista de pessoas desaparecidas que continha apenas a foto e um *QR Code* que certamente abriria mais informações sobre o procurado. Um indício de que todos ali possuíam um nível econômico razoável e celulares. Esta ideia de que os refugiados não são pessoas pobres que saíram de seus países por não terem emprego foi bastante combatida em todos os episódios. Quanto mais adentravam no campo, porém, mais histórias encontravam. Foi lá também que expuseram um drama pouco conhecido: os curdos. Um povo que já era sem pátria na Síria, se vê ainda mais perdido quando chega na Europa⁹⁴. A família entrevistada no programa não pôde tirar o passaporte para sair do país, tendo recebido do governo apenas um papel, do tamanho de um RG, que dizia que nasceram na Síria. Um simples papel sem o pertencimento que envolve carregar um passaporte. O clima era de alto estresse para organização de filas e serviços policiais com tanta gente chegando sem interrupção. Em dado momento, Michel Coeli quase foi impedido de filmar. Foi quando os três se reuniram para explicar aos policiais de onde vinham e porque estavam ali.

O último episódio, “Lesbos (Grécia)”⁹⁵, começou como de costume, com o resumo dos anteriores. Em todos os outros também há a chamada para o próximo no final. Ainda na Grécia, UFO falou um pouco sobre o percurso percorrido pelos refugiados e citou o fato de a equipe ter percorrido todos os países. Esse foi um ponto bastante enriquecedor para o

⁹⁴ Conhecidos como o maior povo do mundo sem nação, os curdos habitam regiões da Turquia, Iraque, Síria e Irã. “Como não existe um país que abrigue a etnia, o sonhado Curdistão, os curdos muitas vezes são tratados como cidadão de segunda classe por onde estão espalhados, como Turquia e Iraque, sem os mesmos direitos do resto da população” (DOSSIÊ SUPERINTERESSANTE, 2016, p.53)

⁹⁵ Episódio disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/multishow/v/4692986/>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

programa. O único “porém” é que os países foram visitados na ordem, ou seja, começando na Sérvia e terminando na Alemanha. Desta forma ficaria mais organizado para o contexto e para o sentido dos episódios em sequência. Em dado momento, Fran chegou a questionar qual seria o destino seguinte, mostrando que nem mesmo eles planejaram tudo nos mínimos detalhes. O que também é válido, porque fizeram o que foi necessário para acompanhar os maiores fluxos no momento em que estavam na Europa.

Voltando a encontrar Kelly, eles conversaram sobre a fama das guardas costeiras nacionais. Enquanto a turca forçava os barcos refugiados a retornarem, a grega os resgatava. Parte do trabalho envolve também identificar contrabandistas de má fé em meio aos imigrantes. Quando eles mesmos conseguiram captar um novo bote chegando, voluntários se misturavam aos fotógrafos, cada um querendo fazer a foto do instante mais marcante. Mas, marcante mesmo era ver tanta gente descendo do bote só de mochila tentando imaginar o que elas deixaram para trás e o que de tão valioso foi selecionado para ir junto. Pedacos de vida nas mochilas, frangalhos humanos tentando a reconstrução em uma nova terra.

Em meio a tantos dramas pessoais, UFO segurou uma criança enquanto o pai tentava descer do bote e chorou ao contar o que tinha acontecido. Chorou. Sem pudor. Como um ser humano qualquer em meio a um extremo. A alegria de chegar vivo e de ter conseguido fugir de tantos conflitos fez com que alguns tirassem foto momentos depois do desembarque. Mas o desespero nos rostos ainda assustados era bem mais evidente. Perguntado sobre o seu destino, Ibrahim, imigrante afegão, respondeu: "Para onde houver paz"⁹⁶.

A temporada termina quando Fran começa a falar sobre sua preocupação com as crianças que por ali chegam usando a brecha que precisava para contar aos amigos que seria pai em seis meses. O momento foi ao ar e mais uma vez diz muito sobre a espontaneidade e informalidade do *Não conta lá em casa*. Durante os seis episódios, do domínio da narrativa até o cuidado com a pós-produção, o entrosamento de apresentadores com formações distintas e que já eram amigos antes do *Não Conta Lá em Casa* garante um programa diverso em olhares e sem medo da parcialidade, um crime para os informativos conservadores. Formado em Cinema, Michel Coeli é geralmente o responsável pelo processo de captação e filmagem. Já André Fran, jornalista, é o responsável pelo roteiro e Felipe UFO assina a

⁹⁶ Entrevista concedida no sexto episódio da oitava temporada: “Lesbos (Grécia)”. Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/multishow/v/4692986/>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

produção. Nos créditos, a direção é dividida por Coeli e Fran. Apesar do programa contar com uma equipe no Brasil, apenas os três integrantes viajam.

O equilíbrio entre temáticas profundas e o ar descontraído de um grupo de amigos sem microfone dinâmico, uniforme ou qualquer outro tipo de roupa formal, constrói o ambiente de múltiplos gêneros. A equipe também só viaja com câmeras menores para facilitar a aproximação com os entrevistados, que muitas vezes travam ao verem muitos equipamentos e câmeras enormes.

Afinal, qual é o papel dos "apresentadores" desse projeto? Fran, UFO e Michel, assim como Leo e Pesca, são repórteres que se deixam envolver pela notícia e aventureiros que fazem de suas viagens reflexões para algumas das grandes causas da humanidade. *O Não Conta Lá em Casa* é mais uma evidência de que o jornalismo não tem fórmulas. A sociedade vai mudar, evoluir e oportunidades vão surgir a todo momento, abrindo um campo de possibilidades. Ainda que muitos insistam em transitar pelo conhecido e consagrado.

7. Conclusão

Conforme foi visto ao longo deste trabalho, a cobertura da crise dos refugiados, ampla e repetidamente abordada pela mídia, apresenta algumas particularidades. Desde as raízes do êxodo, na Primavera Árabe, quando eram esperadas consequências positivas do movimento, até os atuais e exorbitantes números da crise, a pesquisa se propôs a usar a contextualização histórica para comprovar a importância da escolha do tema da última temporada do *Não Conta Lá em Casa*.

Iniciar com a Primavera Árabe foi essencial para apontar como o terrorismo foi se infiltrando em países do Oriente Médio. Capitaneados por grandes grupos espalhados pelo mundo, mas em especial o Estado Islâmico (o grande nome do medo do terrorismo nos últimos anos), os terroristas provocam o caos da fuga em massa nos países em que estão sediados e o medo constante de ataques na Europa. Cada vez mais dispersos, atacam um número muito maior do que o número de mortos dos relatórios anuais.

Em seguida, a diferenciação entre imigrantes, refugiados e requerentes de asilo mostrou ser um tema que por si só daria uma outra longa pesquisa com muitas possibilidades. Outro tópico importante foi análise do impacto da foto de Alan Kurdi. Diante de tantos dados e porcentagens, de repente um menino comum, vestido com roupas comuns sintetizou o drama vivido por tantos outros. Ao mesmo tempo, se abriu um debate ético pertinente acerca dos limites entre a função social do jornalista em chamar a atenção para grandes causas e o sensacionalismo. Alguns jornais optaram simplesmente por falar de Alan Kurdi sem mostrar o corpo do menino na areia, dentre eles a gigante rede inglesa BBC. No decorrer deste tópico ficou clara a relação de poder entre jornalismo e imagem. Foi a foto de Alan Kurdi, inclusive, que fez a expressão “crise de refugiados” ser substituída por “crise *dos* refugiados” no resto do trabalho.

A representação médio-oriental na mídia ocidental foi um tema essencial de preparação para o último capítulo (*Não Conta Lá em Casa* e suas reflexões sobre a crise). Ler “O papel da mídia na difusão das representações sociais”, de Marcos Alexandre, foi de suma importância, tendo em vista sua contribuição no estudo sobre representação social. Said e sua visão do Oriente como invenção do Ocidente, por sua vez, foi fundamental para o enfoque no orientalismo. O que se entendeu é que neste caso específico, a influência do olhar do Ocidente é determinante para a concepção de nomenclaturas como Oriente Médio e extremo Oriente, baseadas no senso de proximidade com o leste. A pesquisa, inclusive, encontrou

dificuldades para encontrar definições fixas de quais países estariam enquadrados no conceito de “Oriente Médio”, pois existem várias interpretações. É neste contexto que encaixa-se o eurocentrismo em suas aplicações de superioridade, responsáveis por generalizações perversas: 1. Refugiados podem ser terroristas; 2. A influência muçulmana pode levar jovens europeus para grupos extremistas e 3. Os costumes islâmicos são um retrocesso. Outro medo é que essa crise venha a se tornar um problema econômico para a Europa. Esse ponto não foi destrinchado ou estudado por não envolver o recorte escolhido, que é o problema específico da representação social. Felizmente, a representação social, como produto do infinito processo de influências das relações humanas, estará em constante transformação. Ou seja, ainda que assumindo o "real" como um objetivo inatingível, sempre será possível trabalhar por representações mais honestas na mídia, desmistificando a complexa formação do senso comum.

O uso da internet é cada vez mais democrático e cada vez mais vem se tornando um instrumento poderoso. Seja quando é usado para checar uma informação ou para contestar uma certa abordagem de um meio de comunicação, por exemplo. Por meio das *hashtags*, a insatisfação de um grupo é rapidamente tornada pública. É aí que entra a necessidade de uma maior responsabilidade por parte dos profissionais de comunicação, bem como a construção de estratégias que façam o público ter fé em seu informador. A elaboração de um formato como o do *Não Conta Lá em Casa*, em que os bastidores ficam expostos, é um facilitador.

O programa tem duas características principais: informalidade e exposição dos bastidores. Esse foi um padrão encontrado em todos os episódios, sendo várias vezes exemplificado por meio de cenas de diversas temporadas. Outra peculiaridade é ser categorizado no Multishow como um programa de viagens, mas apresentar uma preocupação com o conteúdo acima do esperado para uma produção do gênero. Em geral, um programa de viagens é produzido como entretenimento. O *Não Conta Lá em Casa* circula entre o entretenimento e o informativo. Além disso, é possível dar-lhe traços de *reality show* e Jornalismo Literário, ainda que esteja inserido na plataforma audiovisual. Em grande parte pela sensibilidade com que os temas são tratados e como o programa é encarado por seus apresentadores: como um projeto de vida. Não interessa a eles produzir um material superficial quando estão em busca de uma reflexão sobre grandes causas da humanidade.

São nesses pontos que a pesquisa acredita ter alcançado o objetivo de diferenciar o *Não Conta Lá em Casa* dos programas tradicionais da televisão. Em sua elaboração

minuciosa e atenta aos detalhes, os integrantes assumem sem medo que o jornalismo imparcial há tempos é uma utopia. Durante oito temporadas questionaram visões de mundo já estabelecidas, sem o pudor de apresentar suas opiniões ou expor suas reações com as situações encontradas nas viagens. Importante ressaltar que, apesar de ser visto aqui como uma saída para um jornalismo honesto, informal e sensível, não é a intenção julgar o jornalismo tradicional como ruim ou errado. O jornalismo tradicional é apenas um outro modelo que atende um outro público, seguindo outras demandas de produção e em uma outra relação com o tempo. O formato *Não Conta Lá em Casa* seria inviável no modelo *hard news*.

Estudar a televisão como uma possibilidade envolveu enxergar algumas limitações, como a censura econômica, e ainda assim provar que é factível manter um programa, bem como fez o *Não Conta Lá em Casa* por seis anos, em um modelo diferenciado. E o mais importante: lembrar que o jornalismo é uma função social importante e uma profissão gratificante. Baseando-se nessas proposições, uma nova pesquisa, dando continuidade à presente, poderia focar em mais influências do Jornalismo Literário em programas de televisão. Um aspecto que só foi observado após André Fran citar Truman Capote e Gay Talese como influenciadores do seu trabalho.

O olhar de Fran, UFO e Michel não tenta exotizar o outro, mas entendê-lo, mostrar que alguns lugares são apenas mal compreendidos ou mal representados, o que é integralmente diferente de um programa de viagens comum. Neste contexto, é pertinente que a crise dos refugiados tenha ganhado uma temporada especial. Ao invés de exporem apenas números e imagens replicadas de agências, foram até a Europa, percorreram a rota dos refugiados e conversaram com os protagonistas da crise. Mostrando que apesar de estarem na mesma situação e no mesmo lugar, cada um tem um passado e memórias que podem ser proveitosas para o programa. Faz parte do real interesse pela história de que estão contando. Ao chegarem, a constatação de que, mesmo depois de todos problemas que vêm se multiplicando desde a Primavera Árabe, a Europa só enxergou uma crise quando viu aquelas pessoas adentrando em seu território.

De uma forma geral o programa focou mais nos voluntários e evitou passar a imagem do lado xenófobo da Europa. Trataram rapidamente de integração social ao entrevistarem duas alemãs, uma delas era Lena Odell, administradora do grupo "Ajuda aos refugiados em

Munique"⁹⁷ no Facebook, que atualmente conta com 16654 membros⁹⁸. Talvez mais alguns episódios ou mesmo uma outra temporada curta dariam conta dessa abordagem.

Parte do esforço deste trabalho, e em especialmente do último capítulo, se deu em assistir aos seis episódios novamente, checando se em algum momento a palavra “imigrante”, foi usada como sinônimo de “refugiado”. O objetivo era aplicar a análise feita no capítulo 2.2. Em nenhum momento, entretanto, os apresentadores cometeram o engano. As palavras utilizadas eram sempre “refugiados” ou “pessoas”, mesmo que ficasse repetitivo. Já no primeiro episódio (“Hungria”)⁹⁹, UFO usou o termo “refugiado de guerra” para deixar claro que os motivos não eram econômicos. No segundo episódio (“Fronteira entre Sérvia e Croácia”), ao observarem refugiados com smartphones de última geração, mais uma vez lembram que aquelas pessoas não estão ali por razões financeiras, mas sim por estarem fugindo de guerra e violência. UFO completou o raciocínio nas cenas seguintes:

A única coisa que diferencia eles, até fisicamente da gente, são esses coletes. A gente está usando esses coletes justamente *pra* todo mundo saber que agora a gente *tá* aqui como voluntário e poder circular livremente. Então eu já passei diversas vezes pela fronteira aqui da Sérvia e fui algumas vezes na fronteira da Croácia, podendo fazer um caminho que eles não podem fazer simplesmente porque eu nasci num lugar diferente deles, mas é meio surreal, eu poder e eles não¹⁰⁰.

Enquanto mais uma vez realçavam a diferença entre refugiados e imigrantes, ainda que sem utilizar o último termo, UFO chegou a dizer "eles são refugiados de guerra e não refugiados econômicos"¹⁰¹. Ainda que ao usar o termo "refugiado econômico", estivesse querendo dizer "imigrante", a ideia de que existe uma diferença foi transmitida.

É enriquecedor para a televisão que exista um programa de viagens diferente, com toques de jornalismo. Da mesma forma que para o jornalismo é enriquecedor que exista um informativo com toques de programa de viagens e *reality show*. Assim como outros meios tradicionais, a TV luta para se atualizar e manter sua posição de destaque na era da internet. Quanto mais diversificadas forem as alternativas, maiores serão as possibilidades dos profissionais de comunicação.

⁹⁷ Nome original em alemão: "Hilfe für Flüchtlinge in München" (tradução da autora).

⁹⁸ Dados de 11 de julho de 2016.

⁹⁹ Episódio disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/multishow/v/4618099/>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

¹⁰⁰ Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/multishow/v/4664854/>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

¹⁰¹ Exibido no quarto episódio da oitava temporada: "Da Sérvia à Alemanha. Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/multishow/v/4664854/>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros e publicações impressas:

BARBOSA, Gustavo Guimarães; RABAÇA, Carlos Alberto. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2001.

BISHARAT, Ibrahim; KAUFMAN, Edward. “A importância dos direitos humanos na resolução de conflitos”. In: DUPAS, Gilberto; VIGEVANI, Tulio. (Org.). *Israel-Palestina: a construção da paz vida de uma perspectiva global*. São Paulo: Editora UNESP, 2002. P. 151-186.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1997.

CASTRO, Carol. “Estado Islâmico: a barbárie milionária”. In: Dossiê Superinteressante: *A era do terror*. São Paulo: Editora Abril, mar./2016.

DOSSIÊ SUPERINTERESSANTE: *A era do terror*. São Paulo: Editora Abril, mar./2016.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

DOSSIÊ SUPERINTERESSANTE: *A era do terror*. São Paulo: Editora Abril, mar./2016.

FECHINE, Yvana. “Uma proposta de abordagem do sensível na TV”. In: LOPES, Ana et al. (Org.). *Imagem, visibilidade e vultura midiática*. Livro da XV COMPÓS. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Guacira Lopes Louro e Tomaz Tadeu da Silva. São Paulo: Editora DP&A, 2006.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (Org.). Tradução: Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

MONTEIRO, Ana Carolina Oliveira. *Oriente e Mídia: Representação, Orientalismo e Contra-hegemonia*. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2010.

RAMONET, Ignácio et al. *Mídia, Poder e Contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. Tradução Karina Patrício. São Paulo: BOITEMPO; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

SERRANO, Pascual et al. *Mídia, Poder e Contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. Tradução Karina Patrício. São Paulo: BOITEMPO; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

OROZCO, Guillermo. “Televisão: causa e efeito de si mesma”. In: CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana. (Org.). Tradução: Diego Andres Salcedo. *O fim da televisão*. Rio de Janeiro: Editora Confraria do Vento, 2014.

ORTEGA, Francisco. “Esvaziamento do político – reinvenção do espaço público”. In: *Para uma Política da Amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 2000.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

PIRES, André Fran. *Não conta lá em casa: Uma viagem pelos destinos mais polêmicos do mundo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

SAID, Edward. W. *O Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Rosaura Eichenberg - São Paulo: Editora Companhia de bolso, 2007. E-book.

Websites:

ALEXANDRE, Marcos. *O papel da mídia na difusão das representações sociais*. In: Revista Comum. Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 111-125, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/opapel.pdf>>. Acesso em 6 de maio de 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TELEVISÃO POR ASSINATURA. *Histórico*. Disponível em: <<http://www.abta.org.br/historico.asp>>. Acesso em: 24 de janeiro de 2016.

BARBOSA, Vanessa. *10 anos após o tsunami de 2004 no Índico — em fotos tocantes*. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/10-anos-depois-tsunami-de-2004-no-oceano-indico-em-fotos#1>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2016.

BARRETO, Luiz Paulo Teles. (Org.). “Refúgio no Brasil. A Proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas”. In: ACNUR. Ministério da Justiça, 2010. Disponível em: <http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2010/Refugio_no_Brasil.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2016.

BBC: *A história por trás da foto do menino sírio que chocou o mundo*. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150903_aylan_historia_canada_fd>. Acesso em 24 de abril de 2016.

BONIS, Gabriel. *Porque relacionar refugiados aos ataques em Paris é equivocado*. Carta Capital. Disponível em: <<http://politike.cartacapital.com.br/por-que-relacionar-refugiados-aos-ataques-em-paris-e-equivocado/>>. Acesso em 24 de maio de 2016.

BORGES, Natany; PICCININ, Fabiana. *Bastidores em cena: notas sobre o programa Não Conta Lá em Casa*. Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3149-1.pdf>>. Acesso em 16 de maio de 2016.

CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins. O texto de TV e o novo jornalismo literário. In: Revista Mediação, v.11, n. 10, p. 71-78, jan./jun., 2010. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/307/304>>. Acesso em 10 de julho de 2016.

CARRANCA, Adriana. *Primavera Terrorista*. O Globo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/primavera-terrorista-18486877>>. Acesso em 27 de março de 2016.

FERNANDES, Sandro. *Depois da Primavera Árabe, Tunísia está entre a esperança e o medo*. O Globo. Disponível em:<<http://oglobo.globo.com/mundo/depois-da-primavera-arabe-tunisia-esta-entre-esperanca-o-medo-18399661>>. Acesso em 27 de março de 2016.

FÜRSICH, Elfriede. “O problema em representar o Outro: mídia e diversidade cultural”. Tradução: Filippo Lima. In: *Revista Parágrafo*, v.4, n.1, p.51-61, jan./jun., 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/378/377>>. Acesso em 24 de abril de 2016.

G1: *Há 5 anos, queda do presidente da Tunísia dava início à Primavera Árabe*. Disponível em:<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/01/ha-5-anos-queda-do-presidente-da-tunisia-dava-inicio-primavera-arabe.html>>. Acesso em 27 de março de 2016.

G1: *Refugiados com diploma enfrentam nova luta ao chegar à Europa*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/09/refugiados-com-diplomas-enfrentam-nova-luta-ao-chegar-a-europa.html>>. Acesso em 25 de janeiro de 2016.

G1: *Saiba o que aconteceu com os países envolvidos na Primavera Árabe*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/12/saiba-o-que-aconteceu-com-os-paises-envolvidos-na-primavera-arabe.html>>. Acesso em 27 de março de 2016.

HICHAM, Moulay. *E o vento levou: quase cinco anos de Primavera Árabe*. Le Monde Diplomatique Brasil. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=2001>>. Acesso em 11 de abril de 2016.

EUR-LEX: Acesso ao direito da União Europeia. *Regulamento Dublin II*. Disponível em: <<http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=URISERV%3A133153>>. Acesso em 15 de maio de 2016.

GUTIERRE, Gislaine. *Apresentador do 'Não Conta Lá em Casa' narra bastidores do programa*. Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/08/1324429-apresentador-do-nao-counta-la-em-casa-narra-bastidores-do-programa.shtml>>. Acesso em 12 de junho de 2016.

NAME, Leonardo. O eurocentrismo está em toda parte: sobre orientalismos, ocidentalismos e outras imprecisões geográficas. In: *GeoPUC - Revista do Departamento de Geografia da*

PUC-Rio, Ano 1, n.2, 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/313828/O_eurocentrismo_est%C3%A1_em_toda_parte_sobre_orientalismos_ocidentalismos_e_outras_imprecis%C3%B5es_geogr%C3%A1ficas>. Acesso em 1 de junho de 2016.

Projeto Humanos 12 – Sharia, a Lei Islâmica [Áudio podcast]. (2016, março). Disponível em: <<http://www.b9.com.br/63965/podcasts/projeto-humanos/projeto-humanos-12-sharia-lei-islamica-s02e02/>>. Acesso em 15 de junho de 2016.

TROFIMOV, Yaroslav. *Quatro anos após Primavera Árabe, autoritarismo se intensifica no Oriente Médio*. Disponível em: <<http://br.wsj.com/articles/SB10047603870532364877304580399973321494434>>. Acesso em 11 de abril de 2016.

QUERO, Caio. *O que deu errado com a Primavera Árabe?* Carta Capital. Disponível em: <<http://politike.cartacapital.com.br/o-que-deu-errado-com-a-primavera-arabe/>>. Acesso em 17 de março de 2016.

9. Anexos

Figura 1

Reprodução Facebook

Tradução do francês:

Usuário: “Quem está de acordo com a minha opinião e quem vai compartilhar?”

Imagem: “Você quer praticar sua religião, sem problemas, mas faça isso na sua cabeça. Não na minha. Você largou seu país e sua cultura, é seu direito. Mas não venha impor na minha casa aquilo que você largou”.



Figura 2

Reprodução Facebook

Tradução do francês: “Se sua religião ordena que você mate, por favor, comece por vocês mesmos”.



10. Apêndice

Entrevista concedida por André Fran em entrevista à autora via e-mail. Realizada em 14 de maio de 2016.

1- A oitava temporada do NCLC¹⁰² foi uma das únicas com um tema fechado. Só a temporada em Israel foi tão específica. O que mais teve de diferente em relação às outras temporadas? O que teve de único?

A ideia principal era mostrar agora o destino de habitantes de diversos países que abordamos durante nossas temporadas com o NCLC. Apesar do foco do NCLC ser o retrato de países, achamos que a relação direta tinha sentido nesse caso.

2- Vocês sempre buscaram extremos, situações em conflito e lugares que dificilmente estariam no roteiro de um viajante comum. Qual é o significado de colocar a crise de/dos refugiados como um extremo? Como foi a decisão de escolher esse tema?

Na verdade, nós não escolhíamos extremos, queríamos muito mostrar que alguns lugares considerados extremos eram apenas mal representados, incompreendidos, vistos com preconceito, ou mal retratados (em consequência de interesses diversos, muitas vezes). Achamos o tema dos refugiados chegando à Europa interessante e propício para o NCLC, apesar de não ser um retrato de um país, por mostrar o que acontecia quando as pessoas precisavam fugir de muitos daqueles locais que mostramos em nossas temporadas.

3- A crise de/dos refugiados foi amplamente divulgada na mídia em 2015. Qual efeito/mensagem que vocês, enquanto NCLC, esperavam passar para o público?

Queríamos apenas retratar esse importante momento. Mas, após entrar em contato direto com essa questão, com os refugiados e suas histórias, a mensagem que fica é que são pessoas como eu e você tendo que fugir de situações de violência em seus países. Sejam eles refugiados de guerra ou econômicos. E também a impressão de como os refugiados se tornam uma crise apenas quando chegam à Europa, uma vez que já fugiam em massa para Turquia, Jordânia, Iraque etc.

¹⁰² NCLC é o mesmo que *Não Conta Lá em Casa*.

4- Na descrição do programa, no aplicativo Globosat, o texto diz: "os aventureiros transformam suas experiências em outros países em matérias jornalísticas que induzem à reflexão". Como vocês enxergam a função social do NCLC?

A gente costuma dizer que o NCLC, e todos nossos outros projetos, antes de ser um projeto de trabalho é um projeto de vida. Ele surgiu de nosso interesse real em conhecer algumas das grandes causas da humanidade e do objetivo de tentar menos que minimamente fazer uma diferença. Entrar em contato com essas questões, dar voz a causas importantes e incentivar as pessoas a tentarem questionar e atuar nas injustiças de nosso mundo.

5- Vocês já disseram mais de uma vez que o programa é tudo ao mesmo tempo: documentário, jornalismo, *reality show*, programa de viagem..., mas como estou aplicando o modelo ao jornalismo, quero saber: vocês não são tradicionais, mostram os bastidores e ainda assim dão muito valor à informação. Por que mostrar bastidores? Como você vê a contribuição do NCLC para o jornalismo?

Sempre acreditei que os jovens (público-alvo do NCLC, por estar no canal Multishow) têm interesse sim em assuntos como política, culturas distantes e história. Mas estão cansados em receber esse conteúdo em formato tradicional, com jornalistas assépticos reportando distantes física e emocionalmente do alvo de suas matérias. Os bastidores, o formato, a narrativa..., tudo isso dentro do NCLC aproxima o espectador e deixa ainda mais evidente nossa relação de interesse verdadeiro com os temas abordados.

6- O NCLC tem uma postura progressista e aberta perto de outros programas conservadores da TV. Você acha que a febre de youtubers e blogs pode transformar esse jornalismo transparente e próximo ao público em uma tendência para o futuro?

Já está mudando. Até porque eu como espectador me influencio muito pelas novas linguagens que, por diversos motivos, surgem mais na internet. E esses novos modelos de linguagem cumprem muito bem nosso objetivo de apresentar questões difíceis de forma bem fácil e acessível.

7- Qual é o perfil do público que acompanha vocês? É amplo ou mais específico?

Pelo fato do programa tratar de temas profundos, mas de maneiras mais leve e atraente, conseguimos atingir uma gama bem ampla de público. Não raro ouvimos comentários de pais e filhos que assistem o programa juntos.